

Figura 35 – Página “Para Colorir”



Fonte: *Vida Infantil*. Nº 19, mai/1949, p. 64. Depositário: FBN

Silva e Souza (2018) ressaltam esse investimento identificável em *Vida Infantil*, pois,

seguia uma tendência de publicações voltadas para as crianças, observável em outros países como Estados Unidos e França. Na França, por exemplo, nota-se, uma publicação lançada em 1905 pelo editor Maurice Languereau de ampla disseminação, *La Semaine de Suzette*, cujo conteúdo versava sobre charadas, quadrinhos, bonecas e brinquedos para montar (...). (p. 317)

Ressaltam-se, ainda, algumas mudanças na organização de *Vida Infantil*, visto que nos primeiros números, entre 1947 e meados de 1948, não havia tanto investimento em relação à utilização de brinquedos de armar. Mas, a partir de 1949, tal prática passa a se tornar recorrente. Assim, é possível encontrar o mesmo tipo de atividade na edição do mês de julho de 1949:

Figura 36 – Brinquedo para colorir e montar



Fonte: *Vida Infantil*. Nº 21, jul/1949, p. 7. Depositário: FBN

Ao se comparar a localização de cada atividade na revista, observa-se que, na de número 21, esta se encontra logo no início – página 7 – o que pode demonstrar certa relevância atribuída ao conteúdo. As instruções também podem chamar a atenção pelo seu conteúdo. Em ambas, nota-se um discurso em torno do capricho, da habilidade e do fazer corretamente. Ainda que fosse algo lúdico e autoral, a criança – em especial, a menina⁶⁰ – deveria fazê-lo de acordo com o que era esperado pelos articulistas da revista, com capricho, beleza e dedicação. Percebe-se, então, um duplo objetivo a ser alcançado: o de recrear e o de formar o petiz.

⁶⁰ Embora se notem questões de gênero, não faz parte do horizonte desta pesquisa adensar a discussão. A esse respeito, conferir Priore (2011) e Silva (2010; 2014).

Ao se observar a coluna “Testes e Brincadeiras”, esses mesmos objetivos, considerados híbridos, podem ser percebidos.

Figura 37 – Coluna “Testes e Brincadeiras”

MAIO-1949 VIDA INFANTIL 53

TESTES & BRINCADEIRAS



PERGUNTINHAS QUE DÃO PRESENTES

- 1 — Que vieram os jesuítas fazer no Brasil?
- 2 — Por que razão o rio Amazonas já foi chamado de «Mar Doce»?
- 3 — Que órgão impulsiona o sangue em nosso corpo?
- 4 — Que eram as mesquitas árabes?

Extraídas dos tópicos da seção **AS CRIANÇAS PRECISAM SABER**, e para serem respondidas por crianças de nível primário.

Envie a resposta até 15 de Junho, para: VIDA INFANTIL — Perguntinhas que dão presentes — Cx. Postal 2981 — Rio de Janeiro. Cole o símbolo na resposta.

CARTA ENIGMÁTICA
— Mande a tradução em papel de carta, caprichosamente manuscrita, com boa caligrafia. Faça você mesmo a pontuação correta, assim como os inícios de períodos e parágrafos. Envie sua resposta até 15 de Junho, para: VIDA INFANTIL — Carta Enigmática — Cx. Postal 2981 — Rio de Janeiro — Cole na resposta um dos símbolos.

Daremos PRESENTES ÚTEIS, constando de livros de histórias infantis, lousas, cadernos, lápis preto e de cor, etc., aos melhores classificados.

APRENDA A PINTAR



Aí está um emaranhado de linhas confusas. Você vai pintar de azul todos os espaços que têm um pontinho, e verá aparecer quatro lindas figuras: um bonequinho, um pião, um navio e um trenzinho. Mãos à obra, querido leitor.

UM PROBLEMINHA PARA VOCE
A QUE HORA CHEGA AO COLÉGIO?

Raul tem muito que andar todas as manhãs para chegar ao colégio. Ao passar pela igreja, são quase sempre oito e meia, e está ele na quarta parte do caminho. Quando chega à estação do caminho de ferro, andou um terço do caminho e o relógio marca nove menos vinte e cinco minutos. A que hora chega ao colégio?

Veja se você acertou, verificando a resposta na página 15.

Fonte: *Vida Infantil*. Nº 19, mai/1949, p. 53. Depositário: FBN

A mistura das tópicas divertir e educar, nessa coluna, merece exame, uma vez que, no mesmo espaço-tempo, temos uma atividade de pintura, outra de pergunta e resposta – perguntas de cunho escolar – e um problema matemático a ser resolvido pela criança leitora. Observa-se que a quantidade de atividades pedagógicas é maior em relação às atividades recreativas, o que pode ser justificado, em partes, pelo valor atribuído a esse conteúdo. De acordo com Rosa (2002),

Constituindo-se em desafios e estímulos a argúcia dos leitores, os passatempos foram, a partir dos anos cinquenta, incorporados inclusive aos livros didáticos utilizados em sala de aula. E nos anos sessenta, o reconhecimento por psicólogos e pedagogos de que tais formas de entretenimento despertavam e estimulavam a acuidade perceptiva, a discriminação visual e a atenção tendeu a favorecer sua

utilização generalizada e dirigida, nas atividades curriculares, desde a pré-escola. (p. 137)

Para além das ponderações da autora, nota-se que tais formas de entretenimento também serviam de complementação aos conteúdos veiculados na escola, ocupando um espaço de “escola em revista”. Por exemplo, na coluna superior, à esquerda, as perguntas têm relação com conteúdos de história, geografia, ciências e conhecimentos gerais e se relacionam a uma outra coluna – *As Crianças Precisam Saber*. Assim, os conteúdos de tais perguntas foram previamente abarcados nessa outra coluna e pode-se, então, obter a resposta por lá. Tal estratégia pode ser observada por dois vieses: por um lado, poderia se comparar com uma prática típica do gênero didático⁶¹. Por outro, observa-se certa conjugação entre as seções da revista, de maneira que são feitas remissões entre uma e outra. Percebe-se este movimento em algumas outras seções, como, por exemplo, na correlação existente entre a coluna *História do Brasil para Crianças*, a seção *Álbum de História do Brasil* e a história em quadrinhos intitulada *Lourolino e Remendado*, como observado a seguir.

2.3 *Lourolino e Remendado* ensinam a história do brasil

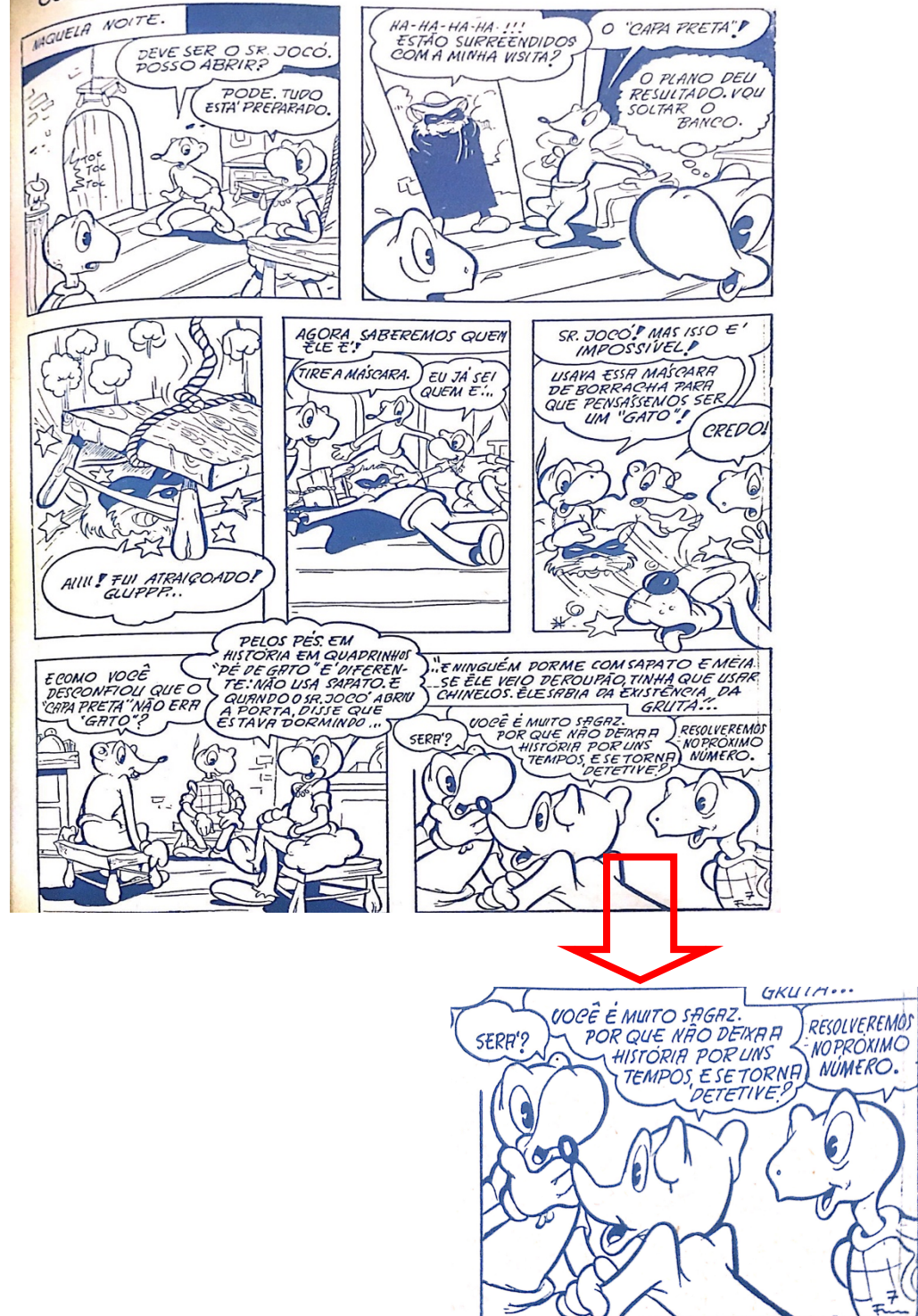
A História do Brasil é um dos temas recorrentes em *Vida Infantil*. Assim, o objetivo deste tópico é compreender a construção de uma HQ cujo tema era a História do Brasil, mas que, em tese, cumpria o papel de recrear, considerando que o capítulo seguinte recai na análise de uma coluna intitulada *História do Brasil para Crianças*.

Em relação à permanência de *Lourolino e Remendado* na condição de “historiadores”, e/ou de “testemunhas” da História do Brasil, assinala-se que de 1947 a setembro de 1950, os “dois sabichões”, como apresentados na HQ, permanecem nessa condição. A partir de outubro de 1950, contudo, passam a assumir uma nova função: a de detetives. Não há clareza quanto ao motivo da mudança de temática em relação à HQ, porém é possível conjecturar que talvez a História do Brasil já não estivesse posta em evidência, como nos anos anteriores. Ademais, haja vista algumas mudanças observáveis no ano de 1951 em *Vida Infantil*, como a

⁶¹ Segundo Diana (2017), “o texto didático é um gênero textual com objetivos pedagógicos. É disposto de maneira a que todos os leitores tenham a mesma conclusão. Por este motivo, é considerado um texto utilitário. A construção de um texto didático é feita de maneira conceitual, primando pela necessidade do interlocutor de compreender o assunto exposto com base” (grifo da autora). Além disso, a autora defende que “na forma de apresentação das informações, o texto didático considera os conhecimentos prévios ou não do interlocutor. Ou seja, quando o interlocutor não tem conhecimentos prévios sobre o assunto, o tema é apresentado e [aprofundado] de acordo com o nível de entendimento. O mesmo ocorre quando já há algum tipo de conhecimento prévio. Nesse caso, a mensagem é adaptada ao nível das informações adquiridas previamente pelo leitor. É preciso ter em mente que um texto didático não é figurativo e, por este motivo, os termos são empregados de maneira exata. Esse é o tipo de texto utilizado em livros didáticos, por exemplo, artigos científicos e programas de educação”. Ao longo dessa dissertação, ao compararmos a escrita de *Vida Infantil* com a escrita relativa ao texto didático, utilizaremos essa definição: a de que se trata de um gênero textual com objetivos pedagógicos, com vistas a apresentar e/ou aprofundar conceitos.

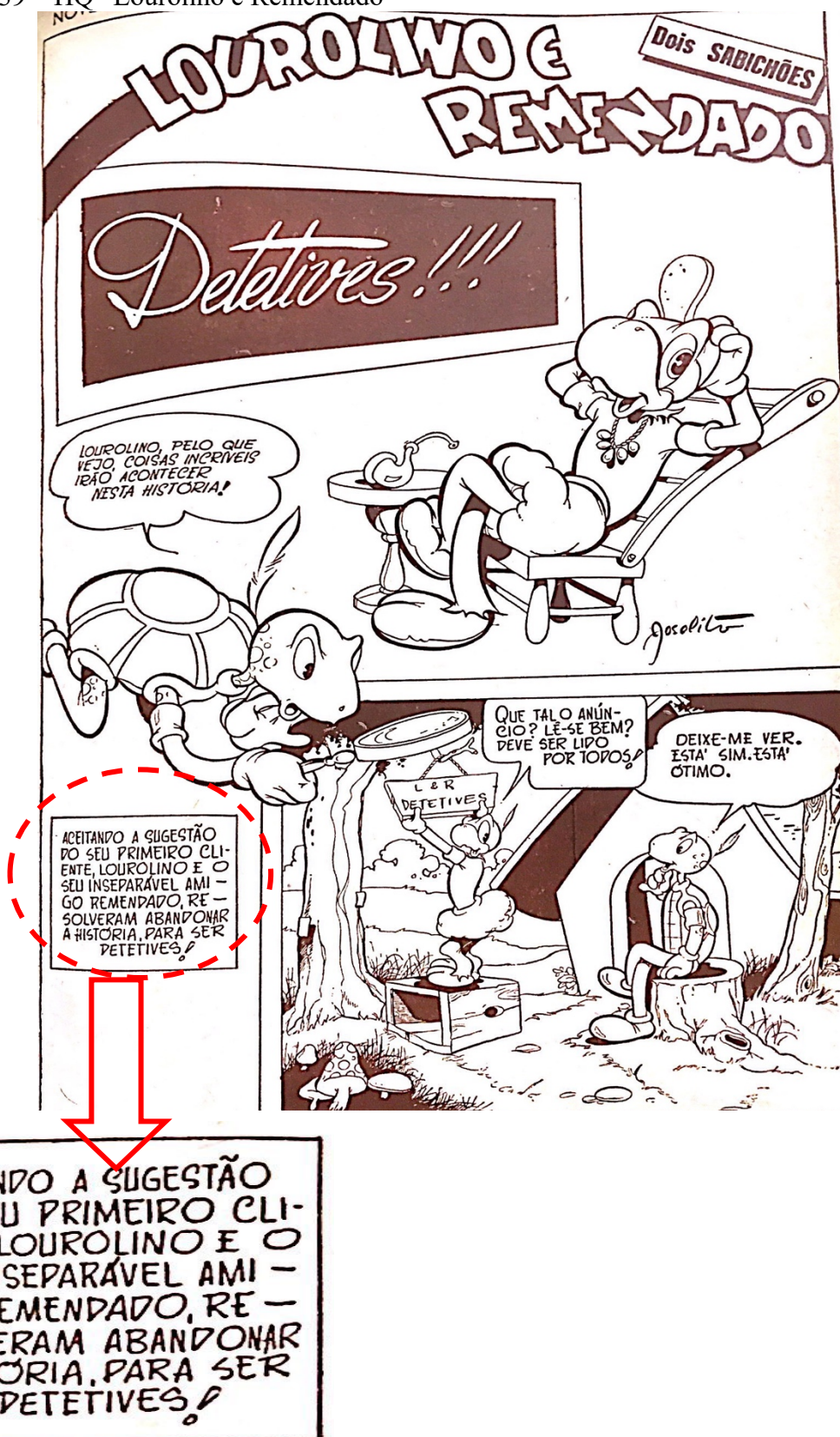
periodicidade, que passa de mensal para quinzenal, a partir de julho daquele ano, pode-se supor que havia mudanças, igualmente, na organização e na composição da revista. Observemos, então, o modo como os articulistas de *Vida Infantil* anunciaram a mudança em relação à história de *Lourolino e Remendado*:

Figura 38 – HQ “Lourolino e Remendado”



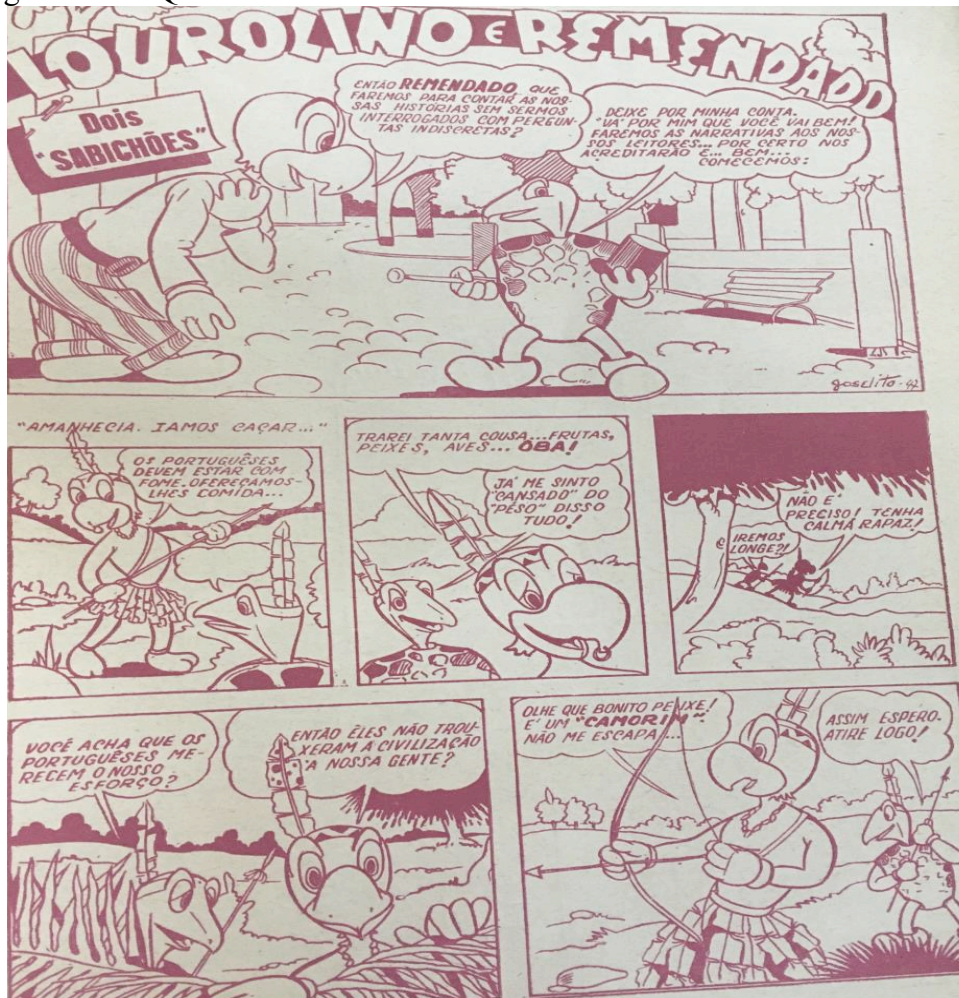
No número seguinte, de novembro de 1950, temos a resposta:

Figura 39 – HQ “Lourolino e Remendado”



No que se refere à narrativa histórica apresentada em *Lourolino e Remendado*, lemos que na história apresentada no número 2 da revista, de dezembro de 1947, os “dois sabichões”, um papagaio (Lourolino) e uma tartaruga (Remendado), se passam por indígenas, narrando uma suposta história que havia se passado com eles. A história, porém, não era qualquer história, mas sim a História do Brasil, em especial, o período do descobrimento do Brasil e a colonização. Em determinado momento, por exemplo, os personagens encontram Pedro Álvares Cabral e este pede que os personagens arranjem uma cruz para que seja celebrada a primeira missa. Após Lourolino e Remendado conseguirem a cruz, a missa é celebrada dia 1º de maio de 1500, pelo Frei Henrique Soares de Coimbra, e os portugueses acabam indo embora, continuando à procura das Índias.

Figura 40 – HQ “Lourolino e Remendado”



Fonte: *Vida Infantil*. Nº 2, dez/1947, p. 21. Depositário: FBN

A história narrada na HQ é a mesma narrada na coluna “História do Brasil para Crianças”, intitulada “A primeira missa, o primeiro trabalho, a primeira carta”, o que pode ser lido como uma permanência no âmbito da revista e de uma estratégia de interligar as duas

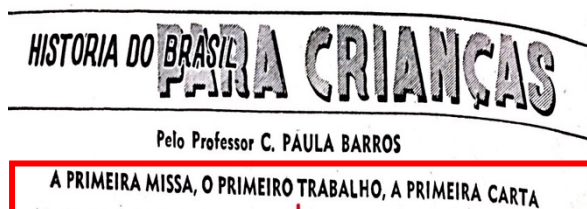
colunas. É possível corroborar, assim, a hipótese de que se tratava de uma revista híbrida, de ação educativa e recreativa, pois, fosse sob a forma de texto corrido ou em quadrinhos, objetivava-se educar e instruir concomitantemente seus leitores.

As imagens possuem destacada relevância na análise, uma vez que se associam ao conteúdo escrito. Elas se mostram potentes na história, o que corrobora a ideia de que as HQs se utilizavam amplamente de ilustrações chamativas e de pouco texto em relação às imagens, para uma comunicação mais rápida e eficiente em um espaço menor, “comportando ainda leituras para além do texto” (ROSA, 2002, p. 134).

A história narrada é caracterizada pela escrita de uma História do Brasil considerada positivista e que valorizava uma origem branca e cristã, sendo o “início de tudo” marcado pela chegada dos portugueses no território brasileiro (BITTENCOURT, 2018; ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012). A título de ilustração, podemos observar esse tipo de escrita da História, a qual valoriza o branco europeu em detrimento dos povos indígenas que por aqui existiam, a partir do seguinte diálogo: “Você acha que os portugueses merecem o nosso esforço?” – pergunta Remendado. Em resposta, Lourolino indaga: “Então eles não trouxeram a civilização à nossa gente?”. Esse diálogo põe luz à ideia recorrente de que os portugueses “salvaram”, em certa medida, o que se constituiria como Brasil e que, por isso, mereceriam nossa eterna gratidão.

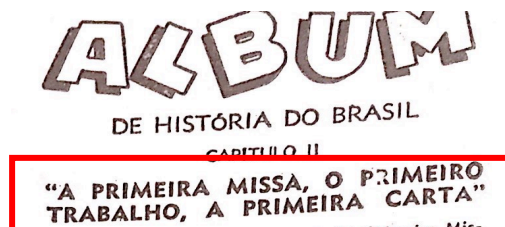
A relação existente entre *História do Brasil para Crianças*, *Álbum de História do Brasil* e *Lourolino e Remendado* estabelecia-se, também, pelo teor da narrativa histórica, havendo uma associação entre a maneira de se retratar a História nas três seções. As figuras 41, 42 e 43 esclarecem a familiaridade entre as seções por meio do título e do conteúdo:

Figura 41 – “História do Brasil para Crianças”



Fonte: *Vida Infantil*. Nº 2, dez/1947, verso da capa. Depositário: FBN

Figura 42 – “Álbum de História do Brasil”



Fonte: *Vida Infantil*. Nº 2, dez/1947, p. 13. Depositário: FBN

Figura 43 – HQ “Lourolino e Remendado”

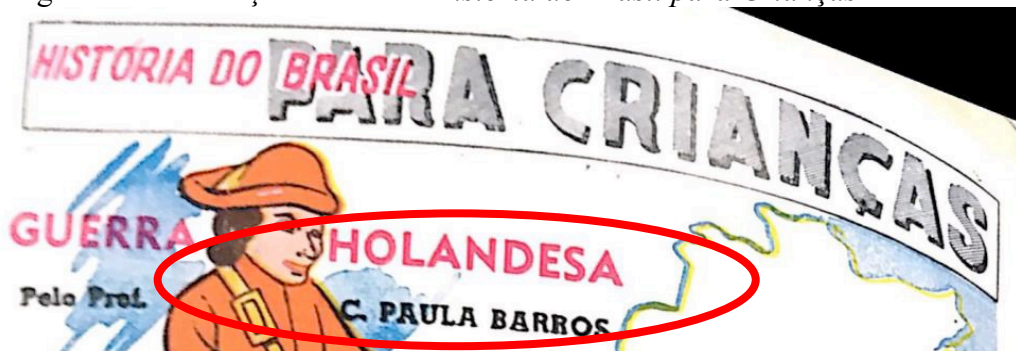


Fonte: *Vida Infantil*. Nº 2, dez/1947, p. 21. Depositário: FBN

As três seções da revista tratam de um mesmo conteúdo no âmbito da História do Brasil: “a primeira missa, o primeiro trabalho, a primeira carta”. Nas três seções, igualmente, nota-se a valorização atribuída à figura de um herói: Pedro Álvares Cabral.

Da mesma maneira, a publicação de março de 1949 corrobora a vinculação existente entre as três seções. O tema, porém, é outro: a “Guerra Holandesa”.

Figura 44 – Ilustração da coluna *História do Brasil para Crianças*



Fonte: *Vida Infantil*. Nº 17, mar/1949, contracapa. Depositário: FBN

Figura 45 – “Álbum de História do Brasil”



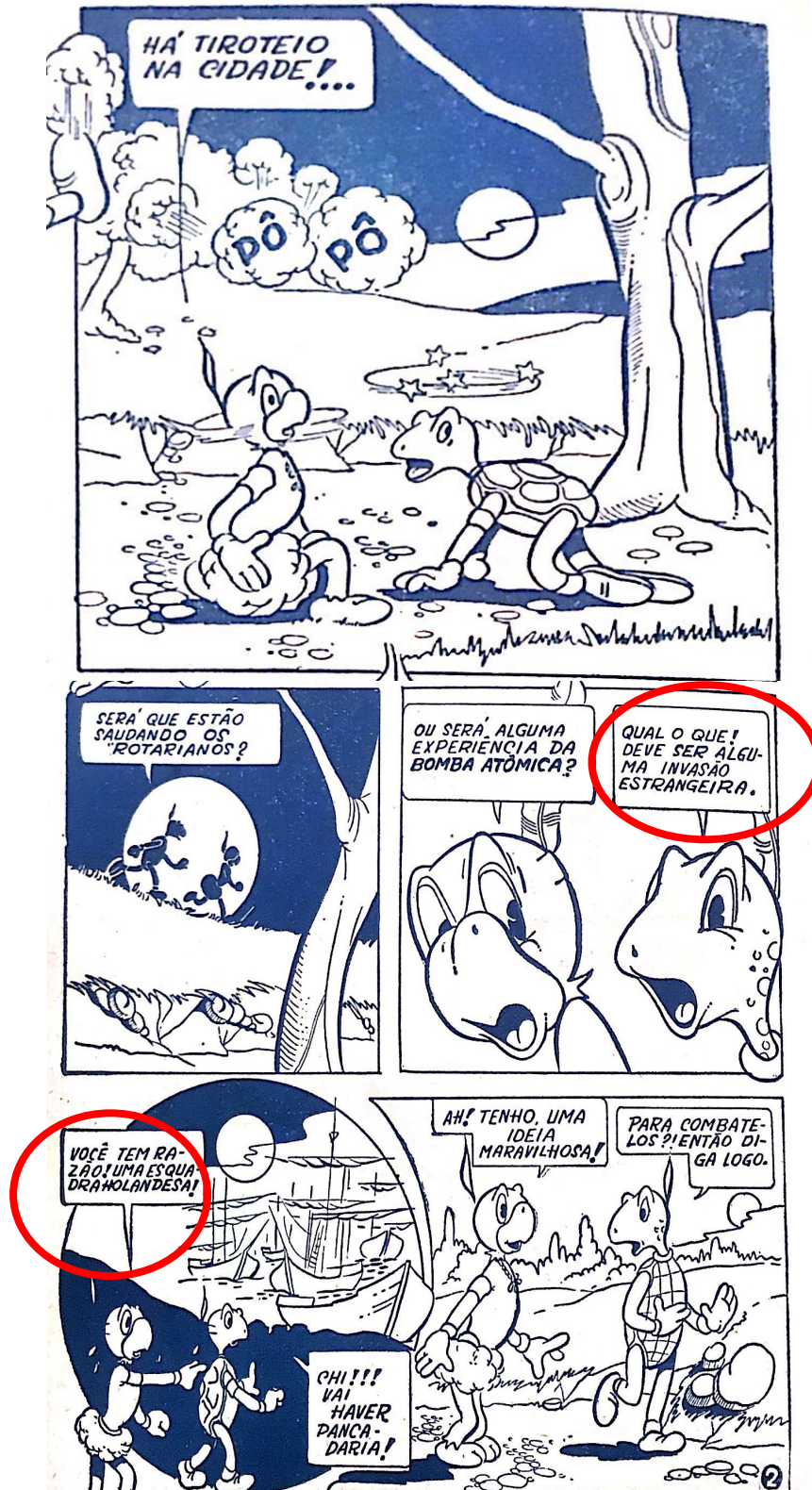
Fonte: *Vida Infantil*. Nº 17, mar/1949, p. 13. Depositário: FBN

Figura 46 – HQ “Lourolino e Remendado”



Fonte: *Vida Infantil*. Nº 17, mar/1949, p. 45. Depositário: FBN

Figura 47 – HQ “Lourolino e Remendado”



Fonte: *Vida Infantil*. Nº 17, mar/1949, p. 46. Depositário: FBN

Nas três seções, o assunto em evidência é a “Guerra Holandesa”. Contudo, o modo como a História é narrada difere, respeitando o objetivo de cada espaço. “Lourolino e Remendado” e o Álbum se apresentam de maneira mais atraente e distanciada da linguagem

relativa ao gênero didático, ao passo que “História do Brasil para Crianças” se aproxima de uma forma escolar de transmissão do conteúdo (VICENT, LAHIRE & THIN, 2007).

Essa maneira de divertir instruindo e de instruir de maneira divertida vai ao encontro do que se considera híbrido em *Vida Infantil* e dialoga com a concepção de que, muitas vezes, as HQs respondiam a um propósito que ia além do recrear, de modo a se aproximar de uma linguagem mais didática e escolarizada. Ainda que as HQs não façam uso estrito do gênero didático, como o que se pode encontrar nos livros didáticos, em geral, a sua linguagem mais simples, o jogo de palavras, as imagens como suporte e a leveza que marca a HQ são relevantes no processo de ensino. Para além dessas características, já salientadas no decorrer do capítulo, a facilidade de divulgação e de circulação das revistas, de maneira geral, é uma marca importante do modo de consumo de *Vida Infantil*. De acordo com Costa e Almeida (2018), ainda que os livros (didáticos ou não) tivessem mais privilégio e destaque em relação aos jornais e às revistas, à época, estes últimos

desperta[va]m a atenção de diversas camadas sociais, por meio de suas narrativas plurais, mais sintetizadas, o que possibilitava uma leitura de modo “extensivo”, por meio da qual o leitor lê mais textos e consegue atingir um maior número de informações em menor espaço de tempo (p. 101)

Nesse sentido, a ampla circulação da revista poderia ser vista como um ponto positivo em relação ao investimento feito por seus editores em massificar conteúdos escolares, com vistas a formar crianças para além do espaço formal de educação. Pelo fato de haver três seções direcionadas ao estudo da História do Brasil, é possível se depreender que se buscava atingir os objetivos propostos por duas vias: uma mais formal – a coluna *História do Brasil para Crianças* – e outra informal – a HQ e o *Álbum*.

Assim, neste capítulo, buscou-se compreender alguns modos de recrear e instruir os leitores de *Vida Infantil* por meio de HQs e outras seções recreativas, vistas como importantes elementos utilizados nesse processo híbrido de ensinar divertindo e de divertir com vistas a ensinar. Para tanto, foram levantadas três categorias-chave na composição das HQs, quais sejam a higiene, a formação de caráter e a História do Brasil, observáveis, com mais ênfase, em três HQs: Porcolino; Os Enganos de Pituca; e Lourolino e Remendado, respectivamente. Buscou-se, então, ressaltar essas três HQs, sem desconsiderar outras histórias de interesse que se associassem com as três categorias-chave observadas.

Por fim, ter observado elementos relativos à História do Brasil constitui-se uma chave relevante para a escrita desta dissertação, pois, além de a pesquisa central se situar no âmbito da História da Educação, o último capítulo recai na análise de modos de se construir a narrativa histórica, no âmbito da História do Brasil. Passemos, então, para o capítulo a seguir.



3 PARA EDUCAR E INSTRUIR: A NARRATIVA HISTÓRICA E O ENSINO DE HISTÓRIA À LUZ DA COLUNA *HISTÓRIA DO BRASIL PARA CRIANÇAS*

3.1 Contexto histórico de produção da coluna

O último capítulo desta dissertação versa sobre outro pilar de notável destaque no âmbito de *Vida Infantil*: o de educar e instruir a criança leitora. Como se procurou assinalar no segundo capítulo, o espaço atribuído às Histórias em Quadrinhos, elemento de diversão dos seus leitores, era substantivo. Porém, não era possível apenas divertir esse público, era necessário, também, educá-lo e instruí-lo para a sua completa formação. Passemos, pois, à coluna *História do Brasil para Crianças*.

Trata-se de uma das colunas de maior longevidade que compunha a revista *Vida Infantil*. A coluna, assinada pelo professor Carlos Marinho de Paula Barros⁶², tinha como objetivo narrar a História do Brasil a partir de um movimento que se aproximava da narrativa de cunho escolar. Rocha, Magalhães & Gontijo (2009) argumentam que uma das características da história escolar é que esta “orienta-se por regras pedagógicas próprias”, o que implicaria em estratégias narrativas e em composições didáticas que fossem capazes de abarcar o conteúdo de história e de alcançar o público leitor.

A tarefa de ler e escrever sobre a coluna, contudo, vai além de localizar em *Vida Infantil* essa coluna e analisá-la no seu micro contexto de produção. Trata-se de compreender a escrita dessa coluna levando-se em consideração outras produções que se alinhavam a ela, sem negligenciar o seu espaço-tempo de publicação.

Nesse sentido, o próprio título chama a atenção pelo fato de adotar o mesmo nome da obra de Viriato Corrêa⁶³, *História do Brasil para Crianças* (1934)⁶⁴. Apesar de se tratar de materiais de suporte diferente, é possível estabelecer certa relação entre o livro de 1934 e a coluna iniciada em 1947. De início, destaca-se o fato de ambos serem direcionados ao público

⁶² Na dissertação referimo-nos ao autor apenas como Paula Barros. Foi historiador, professor, pintor e poeta. O ano de seu nascimento não é preciso, pois Jorge (2015) aponta o ano de 1892, mas a Biblioteca de Literaturas de Língua Portuguesa (Literatura Digital. Disponível em: www.literaturabrasileira.ufsc.br) aponta 1894. O local de nascimento, contudo, é preciso: Belém, no Pará. Passou, porém, grande parte da vida no Rio de Janeiro, mudando-se aos 11 anos de idade. Estudou no Colégio Militar, mesmo não tendo seguido a carreira militar. Paula Barros, ao contrário, se dedicou ao mundo das Letras, sendo o autor de diversas obras da literatura brasileira, tais como *Muiraquitãs* (1928); *Calendário* (1930); *Iraporanga* (1931); *Laguna* (1943); *Legenda de Glória* (1950); *Maranduba* (1950); e *O Romance de Villa-Lobos* (1951). Em sua maioria, trata-se de livros de poemas e/ou de romances. Porém, o último é uma biografia.

⁶³ Viriato Corrêa nasceu em 1884 e faleceu em 1967. Foi membro da Academia Brasileira de Letras (ABL), jornalista, político, romancista, teatrólogo, autor de livros de história e de literatura infanto-juvenil.

⁶⁴ O acesso à obra foi realizado na Seção de Obras Gerais da Fundação Biblioteca Nacional. A sua reprodução, contudo, não foi autorizada.

infantil. Compartilham do mesmo público, do mesmo título e do mesmo objetivo: formar cidadãos conscientes do passado de sua nação e, por isso, conscientes de suas obrigações para com a pátria⁶⁵.

Observa-se que o livro de Viriato Corrêa apresentava duas entradas: de um lado, mobilizava forte teor pedagógico e instrutivo, além de ter sido chancelado pelo Governo Federal, através da Comissão Nacional do Livro Didático do MEC, para circular nas escolas públicas do país; de outro, se encaixava na categoria de literatura infanto-juvenil (FERNANDES, 2009; GOMES, 2003). Decerto, o modo de se narrar a História ia ao encontro do que se destinava ao público infantil, uma vez que lançava mão de uma linguagem simples e lúdica por meio de uma narrativa memorialística contada em primeira pessoa, em uma tentativa de se aproximar do leitor e de transformar os episódios em uma narrativa verossímil, pois se tratava de lembranças supostamente vividas pelo narrador. Contudo, o conteúdo do material era essencialmente instrutivo e escolar. De modo semelhante, a coluna de Paula Barros seguia parte da mesma lógica 13 anos mais tarde: linguagem simples e que buscava se aproximar do leitor mirim, mas com entrada instrutiva e escolar.

A escolha do livro de Corrêa para ser chancelado e, assim, circular nas escolas públicas brasileiras do período não é aleatória, pois, segundo Gomes (2003), havia uma expressiva

preocupação do ministério com uma política de incentivo à leitura, particularmente a da juventude, como era chamada a faixa etária em idade escolar, isto é, em idade de formação de hábitos e valores, em relação aos quais o Estado tinha interesses e responsabilidades. (p. 118)

Nota-se a preocupação que se tinha em relação à qualidade dos materiais de leitura do público em idade escolar, público coincidente com a publicação de Viriato Corrêa e com *Vida Infantil*. Desse modo, não é de se estranhar que *História do Brasil para Crianças* (1934) fosse obra recomendada pela Comissão Nacional do Livro Didático e que fosse tratado como literatura infanto-juvenil (GOMES, 2003; COSTA, 2011).

Ao enfatizar no que consistia literatura infantil, Gomes (2003) salienta que “era muito difícil e complexo responder à questão, pois quase todos os gêneros literários para adultos podiam se enquadrar (e se adaptar) à literatura infantil” (p. 118). A autora, porém, arrola algumas produções que poderiam compor esse tipo de literatura: “poesias, romances, lendas, contos, (...) folclore, histórias maravilhosas (...), livros de gravuras, canções de berço, cantigas de roda, fábulas, histórias bíblicas, narrativas de viagem e aventuras, *narrativas cívicas e*

⁶⁵ Há 13 anos de diferença entre as produções. Logo, podemos pensar em aproximações com respeito aos diferentes contextos históricos.

patrióticas, biografias, antologias, etc” (p. 118, grifos meus). De maneira específica, cumpre notar as narrativas cívicas e patrióticas, consideradas capazes de comporem acervos de obras para a infância escolarizada, uma vez que ambas as produções se encaixam nesse tipo de literatura infantil. Mas como tratar de assuntos cívicos e patrióticos de maneira lúdica e adaptada ao universo infantil? Gomes (2003) indica que “a Comissão definia (desejava e projetava) como literatura infantil aquela que, por excelência, investia na imaginação infanto-juvenil e, nesses termos, contribuía para educar” (p. 118). Ou seja, a narrativa deveria ser composta de elementos lúdicos e fantasiosos que correspondessem ao imaginário infantil, mas *não tão fantasiosos assim*, pois deveria corresponder, também, ao seu lugar-tempo de produção, o qual prezava pelo seu caráter potencialmente educativo (COSTA, 2011; 2018).

A guinada relativa à noção de infância e de família (ARIÈS, 1981; GOMES, 2003), nos moldes tradicionais burgueses, é “marcada pela privacidade e pelo desenvolvimento de laços afetivos entre seus membros” (p. 119), elementos que poderiam ser encontrados, inclusive, em publicações impressas posteriores a essa guinada, visto que o ato de ler um livro ou uma revista se traduzia, em muitos momentos, em um ato de privacidade e de solidão, mas que, ao mesmo tempo, permitia o crescimento de um laço afetivo entre leitor e autor, muito por conta das estratégias narrativas que buscavam se aproximar do leitor, como se observa no livro e na revista em destaque. Zilberman & Magalhães (1987 *apud* Gomes, 2003, p. 119) ressaltam que foi nesse período de mudanças em relação à infância e à família que foi instalada “a instituição escola, [com] a ideia de ensino obrigatório e, em decorrência, [surgiu] a necessidade de livros e materiais destinados a educar” (p. 119). Sobre esse processo de mudanças, Gomes (2003) continua: “no Brasil [esse processo] só vai deslanchar na virada do século XIX para o XX, com uma forte inflexão de um projeto de cultura cívica republicana, particularmente no que dizia respeito ao aprendizado da língua, da história e da geografia pátrias” (p. 119).

A relevância de Viriato Corrêa na condição de escritor de livros de literatura infanto-juvenil pode ser observada, principalmente, por sua inserção em uma “lista de livros aprovados e recomendados”, que compunha a Organização de Bibliotecas Infantis (GOMES, 2003, p. 120). Nessa lista havia 7 livros de autoria de Viriato Corrêa, “dos quais dois eram ‘narrativas cívicas’”. Corrêa só perdia para Monteiro Lobato, que contava com 16 livros “aprovados e recomendados” pela Organização.

Nota-se, então, um crescente no que concerne a publicações que prestassem duplo serviço: o de divertir e entreter o pequeno leitor em uma proporção equivalente ao de educá-lo e instruí-lo. Nesse sentido, compreende-se que tais publicações atendiam às especificidades

do campo da literatura infantil, do mercado editorial em expansão e, ainda, aos projetos políticos de formação da criança, compreendida, de forma recorrente, como o futuro da nação.

É nesse contexto que se busca compreender a produção da coluna *História do Brasil para Crianças*, entendendo que se inseria no âmbito de um impresso periódico, num período de consolidação de ideários iniciados no entresséculos, a saber: o de formação da criança pela leitura; de construção de sujeitos conscientes da História da sua pátria, compreendendo suas obrigações para com os “heróis” nacionais e com o futuro que levava em suas mãos; o dever de diminuir o índice de analfabetos, colaborando, assim, com a escola, ainda que fora do âmbito escolar; e o de se apresentar na condição de material que possuía uma “missão” e era, portanto, útil à sociedade (ROSA, 2002; GOMES, 2003).

A coluna *História do Brasil para Crianças*, portanto, não ocupava lugar de destaque e de grande longevidade em *Vida Infantil* por acaso. No campo editorial, a coluna dialogava com uma gama de produções livrescas de teor histórico, nacionalista e patriótico, fossem no âmbito escolar ou não. Gomes (2003) ilumina alguns nomes que antecedem a coluna, como é possível se observar no quadro abaixo, elaborado com base no estudo da autora:

Quadro 10 – Títulos de livros com tema afim à coluna <i>História do Brasil para Crianças</i>		
Título	Autor	Ano
<i>A História do Brasil ensinada pela biografia de seus Heróis</i>	Silvio Romero	1890
<i>Lições de História do Brasil</i>	Basílio Magalhães	1895
<i>Pindorama</i>	Xavier Marques	1900
<i>Por que me ufano de meu país</i>	Conde Afonso Celso	1900
<i>Compêndio de História do Brasil</i>	João Ribeiro	1900
<i>Histórias de Nossa Terra</i>	Júlia Lopes de Almeida	1906
<i>As Nossas Histórias</i>	Alexandrina de Magalhães Pinto	1907
<i>Os Nossos Brinquedos</i>	Alexandrina de Magalhães Pinto	1908
<i>Através do Brasil</i>	Olavo Bilac & Manuel Bonfim	1910
<i>A Pátria Brasileira</i>	Olavo Bilac & Coelho Neto	1916
Conjunto de dez volumes de <i>Uma nova História do Brasil</i>	Rocha Pombo	1915-17
<i>Contos da História do Brasil</i>	Viriato Corrêa	1921
<i>História do Brasil</i>	Murilo Mendes	1933
<i>História do Brasil para Crianças</i>	Viriato Corrêa	1934
<i>As Aventuras de Tibicuera</i>	Erico Veríssimo	1937
<i>História do Brasil</i>	Otávio Tarquínio de Souza & Sérgio Buarque de Holanda	1944

Quadro produzido pela autora. Fonte dos dados: GOMES (2003).

Se fosse possível dar continuidade ao quadro, a coluna de *Vida Infantil* faria parte de sua composição, mas na condição de impresso periódico. De modo semelhante, as revistas infantis *O Tico-Tico* e *Sesinho*⁶⁶ também comporiam o quadro, uma vez que apresentavam investimento parecido, através de seções de cunho histórico e patriótico. A semelhança que se evidencia nas três revistas infantis pode ser entendida como uma permanência em relação aos períodos observados e no investimento que se tinha nesse tipo de produção.

Na condição de material informal de educação, *Vida Infantil* intentava se colocar na posição de suporte para o processo de educação e formação dos sujeitos vistos como “o futuro da nação”. Esse esforço fica ainda mais nítido ao observarmos a construção da coluna de História do Brasil, como veremos a seguir.

3.2 A História do Brasil que se contava para as crianças: entre aventuras, heróis e lições de moral

O tratamento e a análise de 36 exemplares⁶⁷ de *História do Brasil para Crianças* possibilitaram compreender modos de se narrar e escrever a História, sob o ponto de vista de uma revista infantil. A defesa de Bittencourt (2018) de que “o ensino de História se (...) caracterizava, até recentemente, como um estudo mnemônico sobre um passado criado para sedimentar uma origem branca e cristã, apresentada por uma sucessão cronológica de realizações de ‘grandes homens’ (...)” (p. 1) vai ao encontro do que se observa nas páginas da coluna. O segundo número da revista, por exemplo, de dezembro de 1947, intitulada “A primeira missa, o primeiro trabalho, a primeira carta”, visto no segundo capítulo desta dissertação, trata dos primeiros momentos e das primeiras impressões dos portugueses ao chegarem ao Brasil, nos idos de 1500. O título dá, propositalmente, esse tom de início de tudo, numa ótica que favorece o português, o homem branco e cristão, em detrimento do índio, uma vez que negligencia a história de povos indígenas em um território que, muito antes de ser descoberto pelos portugueses, os pertencia.

A edição de julho de 1948 também corrobora com a ideia de uma origem branca e cristã, característica da narrativa histórica tradicional, ao jogar luz no trabalho dos jesuítas na condição de “primeiros professores e educadores do Brasil”. Paula Barros trata da catequese e do processo de evangelização dos índios ressaltando os “grandes feitos” de padres como José de Anchieta e Manoel da Nóbrega, por exemplo.

⁶⁶ A esse respeito, conferir os estudos de Olga Brites (PUC/SP), em especial sua dissertação, intitulada “Infância, trabalho e educação - A Revista Sesinho - 1947-1960” (1992).

⁶⁷ Como já apresentado, trata-se das seguintes edições: Ano I, número 2, de 1947; Ano II, números 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, de 1948; Ano III, números 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, de 1949; Ano IV, números 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, de 1950. Os exemplares foram consultados na Seção de Periódicos da Fundação Biblioteca Nacional.

A escrita da História “escuta os sentidos comuns do presente, atende às crenças de seu público e orienta-se em função delas” (ROCHA, MAGALHÃES & GONTIJO, 2009), o que significa que formular uma narrativa histórica pressupõe compreender os sentidos atribuídos à história no momento de escrita, respeitando e respondendo o que é esperado no contexto histórico e social em voga. Nesse sentido, Fonseca (2011) defende que os saberes escolarizados, como a disciplina de História, são “produto de uma seleção cultural, correspondendo também a estruturas e valores sociais determinados” (p. 17).

Compreender a escrita histórica e o ensino da disciplina História implica, portanto, entender o processo de composição da História na condição de disciplina escolar. Fonseca (2011) indica que, historicamente, as disciplinas escolares não possuíam essa nomenclatura, mas essa forma de organização e sintetização dos primeiros conjuntos de saberes remetem ao final da Idade Média, período em que os conhecimentos provenientes de atividades profissionais específicas – “como técnicas de escrita e de leitura, do cálculo, das línguas vulgares e mesmo da História e da Geografia” – acabaram se tornando importantes no processo de escolarização (p. 16).

Souza Júnior & Galvão (2005) argumentam, ainda, que “o campo da História das Disciplinas Escolares procura enfatizar o porquê de a escola ensinar o que ensina, em vez de tentar responder o que a escola deveria ensinar” (p. 393). Mais do que isso, essa área de pesquisa ilumina a “seleção cultural que faz a escola, identificando o que é, em determinada época, compreendido como o que deve ser ensinado” (p. 393-394). Sob tais perspectivas é que se busca compreender a maneira de se propor o ensino de História, não por meio de um livro didático⁶⁸, por exemplo, como comumente é analisado, mas sim através de uma coluna no âmbito do impresso periódico.

A escrita de um tipo de História e o seu desenho na condição de disciplina escolar dizem respeito, também, aos sujeitos partícipes dessa produção. Bloch (2001) salienta que o ofício do historiador e a sua respectiva escrita histórica são estabelecidos a partir de um tempo histórico, sob uma metamorfose, em que o olhar que o historiador atribui aos elementos históricos gera perguntas e reflexões diferentes sobre a história. Logo, a percepção da história e a sua narrativa mudam dependendo do período em que se fala e da posição de fala do autor. Nesse sentido, Certeau (1982) defende que “em história, todo sistema de pensamento encontra-se referido a ‘lugares’ sociais, econômicos, culturais, etc.” (p. 17).

Prost (2000), por sua vez, advoga que a história faz o historiador e essa relação é construída de maneira que o fazer histórico e a escrita da história não se delineiam de modo imparcial, passivo e não-intencional. Como Certeau (1982) já chamava a atenção, o fazer

⁶⁸ Sobre pesquisas a respeito do ensino de História à luz desse tipo de material, conferir Bittencourt (1993, 2003), Munakata (1997, 1998, 2009) e Silva (2008).

histórico faz e serve para uma ideologia reinante. Desse modo, não é difícil concluir que *História do Brasil para Crianças* apresentava uma narrativa histórica que dialogava com a ideologia reinante no momento, conforme Bittencourt (2008), baseada em uma escrita linear, nos moldes de uma linha do tempo, por meio de heróis, com ênfase em datas e em fatos marcados pela verdade.

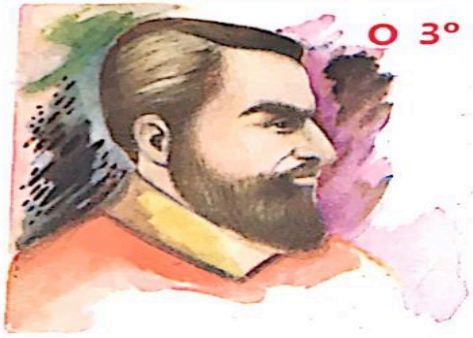
Nesse sentido, ao observarmos a edição de outubro de 1948, cujo tema versa sobre os Governadores Gerais, essas características relativas à escrita da história do ponto de vista tradicional se destacam, haja vista o uso de termos como “heróis” e “fato”. Da mesma forma, chama a atenção a configuração gráfica da coluna, uma vez que os nomes próprios e os dados considerados importantes são destacados em negrito e em rosa:

Figura 48 – Coluna “História do Brasil para Crianças”

HISTORIA DO BRASIL PARA CRIANÇAS

O 3º GOVERNADOR GERAL

Pelo Prof. C. PAULA BARROS



O terceiro Governador Geral do Brasil foi **Mem de Sá**, fidalgo da Casa e do Conselho do Rei e homem de grandes qualidades morais.

A 3 de Janeiro de 1558, tomou conta do Governo e logo começou a trabalhar, sem descanso.

Dos três primeiros governadores, devemos a **Mem de Sá** o maior progresso de nossa Terra, naqueles tempos da colonização.

A 1º de Março de 1565, Estácio de Sá, sobrinho de **Mem de Sá**, fundou a cidade de **S. Sebastião do Rio de Janeiro**, numa praia junto ao Pão de Açúcar. Isso, meninos, já contamos. Mas os franceses continuaram no interior da Guanabara, na ilha de Sirigipe, atual Villegagnon. Então, **Mem de Sá**, em 1560, trazendo em sua companhia o Padre Manoel da Nóbrega, os atacou e os venceu. A maior parte deles, porém, fugiu e ficou escondida. Quando **Mem de Sá** voltou à Bahia, de novo os franceses tomaram conta do Forte de **Coligny** — (leia este nome assim: **Colini**) — forte por eles levantado, desde os primeiros tempos, na ilha de Sirigipe.

Em 1567, **Mem de Sá**, reuniu todos os reforços, pediu auxílio a **Ararigboia**, **tuxáua** dos índios temiminós, e embarcou para o sul acompanhado do bispo D. Pero Leitão, do Padre Anchieta e de outras figuras importantes. Tendo chegado à baía de Guanabara, a 18 de Janeiro desse ano de 1567, esperou pela manhã do dia 20, dia de **S. Sebastião**, protetor da cidade e atacou, violentamente, os franceses. Esses estavam entrincheirados no seu antigo forte de **Coligny** e na praia de Uruçumirim, hoje chamada praia do **Flamengo**. Além disso estavam muito bem ajudados pelos tamóios, seus aliados. Foi uma batalha terrível, mas, à tarde, os franceses e tamóios fugiram, completamente derrotados.

Aconteceu, porém, um fato triste. Estácio de Sá, o moço fundador da cidade de **S. Sebastião do Rio de Janeiro**, ferido, por uma flecha, no rosto, dias depois, morreu.

Mem de Sá, então, nomeou Salvador Corrêa de Sá, outro sobrinho seu, Capitão-mor do Rio de Janeiro e transferiu a cidade de junto do Pão de Açúcar para o morro que depois de ter tido vários nomes se chamou do Castelo. Por isso é que designamos hoje por Esplanada do Castelo, o lugar onde existiu esse morro.

Ararigboia que se batizou **Martim Afonso Ararigboia**, recebeu muitas terras na Praia Grande, em Niterói, e o hábito da **Ordem de Cristo** que era uma grande honra com que Portugal premiava aos seus heróis.

Fonte: *Vida Infantil*. Nº 12, out/1948, verso da capa. Depositário: FBN

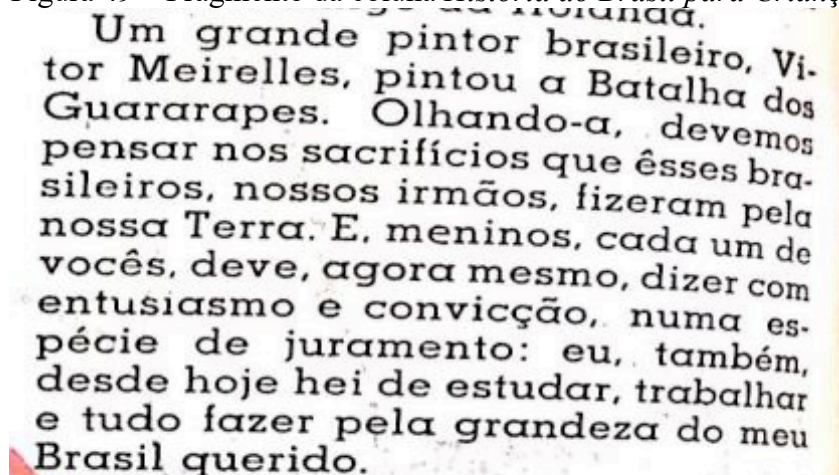
Observam-se oito nomes e dados diferentes grifados, porém chama a atenção o fato de o nome de Mem de Sá se repetir e de que todas as vezes o seu nome é destacado. Tal estratégia pode ser observada, por exemplo, em livros didáticos, pois além de ser considerada uma técnica de estudo e memorização, é utilizada para destacar informações relevantes para a escrita da história de cunho positivista.

A respeito da história positivista, Albuquerque Júnior (2012) salienta que

No século XX, a Escola dos Annales e as várias vertentes do marxismo farão a crítica a esse modelo historiográfico, definindo-o como positivista, como a prática de uma história historicizante, de uma história *événementielle* ou de uma história de tratados e batalhas. (p. 25)

Assim, a história de cunho positivista pode ser definida como aquela em que se busca iluminar e fazer prevalecer os sujeitos heroicos, os documentos e tratados oficiais e os episódios marcantes, segundo a perspectiva de quem narra, tais como guerras, batalhas, nascimentos e falecimentos. Além disso, Albuquerque Júnior (2012) defende que “a história passa a ter, assim, a função de dizer a verdade sobre o passado da civilização e da nação, servindo de inspiração para os homens do presente, que, com ela, aprenderiam lições (...)” (p. 25). Nesse sentido, a coluna em destaque é um exemplo do modo de se narrar a história tendo em vista o ensinamento de possíveis lições morais e comportamentais para seus leitores mirins. O número de maio de 1949, por exemplo, finaliza um assunto que havia estado em destaque pelos três números anteriores: a Guerra Holandesa. Para além da importância atribuída à guerra, como Albuquerque Júnior (2012) chama a atenção no que concerne à escrita positivista da história, o último parágrafo se destaca, pois apresenta diversas particularidades, como “lição de moral”, ensinamento de amor à pátria e reconhecimento do valor dos heróis nacionais, como podemos observar no fragmento abaixo:

Figura 49 – Fragmento da coluna *História do Brasil para Crianças*



Um grande pintor brasileiro, **Meirelles**, pintou a Batalha dos Guararapes. Olhando-a, devemos pensar nos sacrifícios que êsses brasileiros, nossos irmãos, fizeram pela nossa Terra. E, meninos, cada um de vocês, deve, agora mesmo, dizer com entusiasmo e convicção, numa espécie de juramento: eu, também, desde hoje hei de estudar, trabalhar e tudo fazer pela grandeza do meu Brasil querido.

Fonte: *Vida Infantil*. Nº 19, mai/1949, verso da capa. Depositário: FBN

Observa-se o teor nacionalista do excerto e que, mais do que informar os leitores-alunos acerca de um episódio histórico, visava formar cidadãos, mostrando-lhes como se comportar, “que ideias, valores e costumes deveriam professar, praticar e cultivar” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012, p. 25). O modo como se narra a grandeza dos atos de tais heróis brasileiros – referidos de “nossos irmãos” – apela para sentimentos como empatia, amor ao próximo e à nação, alteridade e compaixão, segundo uma forma de moldar os sentidos e os sentimentos atribuídos à História do seu país. Silva (1862, *apud* Bittencourt, 2008) pondera que a escrita da História se pautava na apresentação de “muitos fatos memoráveis da história nacional (...) feitos de valor, *provas de amor da pátria*, rasgos de desinteresse, *exemplos de virtudes*, atos de piedade (...)” (p. 149, grifos meus). Em “História do Brasil para Crianças” tais aspectos são valorizados, o que denota elementos de permanência em termos de escrita da História, uma vez que a fala de Silva data de 1862, 87 anos antes da coluna em *Vida Infantil*.

Ainda no que concerne à construção do herói, Fonseca (2011) advoga que “livros didáticos, composições, desenhos infantis, pinturas e obras historiográficas apontam para uma percepção da história da nação como obra de espíritos elevados e de atos de heroísmo, destinada a ser mais celebrada do que compreendida” (p. 125). Com Fonseca (2011), pode-se afirmar que a coluna segue uma escrita histórica que vai ao encontro do que podia ser localizado em livros didáticos do período, considerando a narrativa em destaque, que lançava mão de elogios e exaltação.

Também chama a atenção a construção da narrativa em torno dos sacrifícios associados aos atos heroicos. Tal estratégia, porém, não é nova na escrita histórica, como demonstra Fonseca (2011):

Encontrados desde a Antiguidade, em várias tradições culturais e religiosas, o martírio e o sacrifício têm, evidentemente, um significado especial para a cultura cristã, pois são os elementos fundadores da ideia de salvação na vida após a morte. Seguindo o exemplo de Jesus, que aceitou a morte e sacrificou-se pela humanidade, uma multidão de cristãos, desde os primeiros tempos, tem-se mortificado e entregado. (...) No que se refere à ideia do sacrifício político, a entrega corajosa de si à morte adquire conotações importantes na cultura política nacional, *encontrando-se na base de inúmeros casos de construção de heróis e de modelos cívicos e patrióticos*. (p. 109; grifos meus)

A autora cita “heróis imortais” como Tiradentes, Getúlio Vargas e Tancredo Neves, cujas mortes repercutiram mais intensamente, e defende que quanto mais atrelado à moral cristã, mais possível seria a “imortalização” do sujeito, principalmente em contexto político. Essa morte, contudo, só será vangloriada se atribuída à alguma forma de penitência por tentar salvar a pátria amada, de modo que o ato heroico apareça “como a peça central, [a] síntese do

drama e [a] materialização da paixão” (p. 111) do sujeito por seu país. A morte acaba sendo, então, a representação do amor, do cuidado e da compreensão de que o dever de proteger o Brasil pode envolver a própria vida. Não por acaso, Paula Barros argumenta que, a lume de tais sacrifícios, a criança leitora deve, igualmente, fazer sacrifícios por seu país, estudando, trabalhando e fazendo o que fosse possível pelo “Brasil querido”, mesmo que isso requeresse matar ou morrer.

Como salientado por Fonseca (2011), Tiradentes é, comumente, referenciado como um herói. A edição de fevereiro de 1950, que trata da Inconfidência Mineira, ilustra, com clareza, essa construção heroica, haja vista a própria ilustração que compunha o número em destaque.

Figura 50 – Ilustração de *História do Brasil para Crianças*



Fonte: *Vida Infantil*. Nº 28, fev/1950, verso da capa. Depositário: FBN

A ilustração, aqui, é elemento importante para a análise, pois segundo o conceito de Chartier (2011) acerca dos *protocolos de leitura*⁶⁹, as ilustrações validam e atribuem sentido

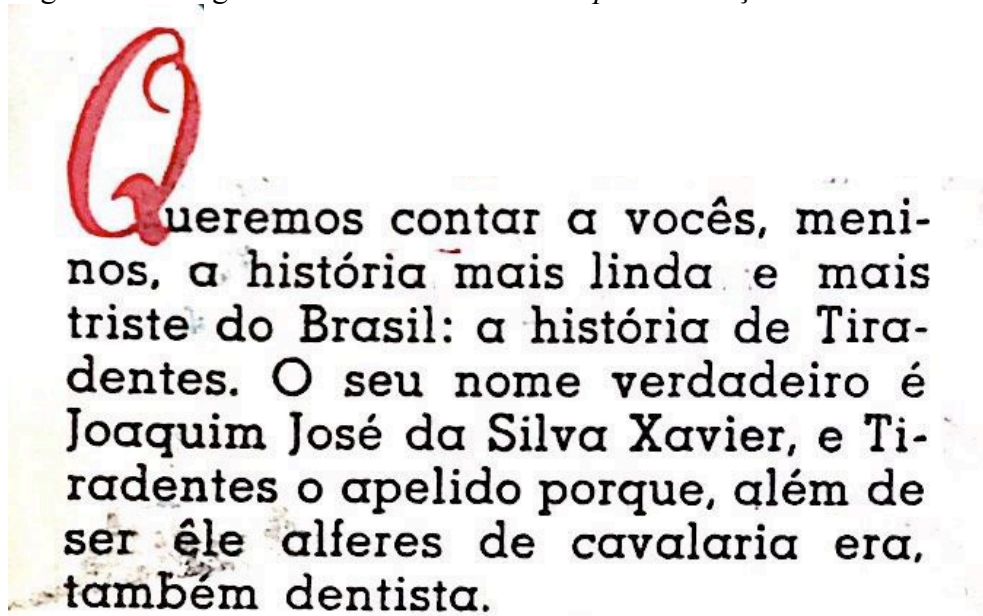
⁶⁹ Os protocolos se referem à maneira como o texto se apresenta no âmbito estético, como, por exemplo, sua estrutura física, número de parágrafos, capítulos e o vocabulário. Ainda segundo o autor, os protocolos de leitura podem ser compreendidos de duas formas: a primeira trata dos elementos inscritos no próprio texto (miolo) e relaciona-se a determinadas questões autorais, como título e subtítulos, comentários e notas; a segunda tem a ver com as disposições editoriais e tipográficas, como a fonte, a letra, as cores. Mais a esse

ao material do qual fazem parte. As imagens se aglutinam ao texto constituindo uma unidade composta de texto e imagem que não se pode separar ou se corre o risco de perder determinados sentidos que só podem ser tecidos na condição de unidade.

Ao narrar a história de Tiradentes e de sua luta pela independência do Brasil, identificam-se aspectos da sua narrativa histórica ao nomeá-lo como herói, corroborando valores cívicos e patrióticos em consonância com o período, como, por exemplo, a partir do seguinte excerto: “Por tudo isso é que hoje glorificamos a memória do alferes Xavier, como o símbolo da liberdade, o herói e o mártir de nossa independência”.

É possível se observar o tom elogioso da narrativa em outras passagens como no parágrafo que introduz o texto:

Figura 51 – Fragmento de *História do Brasil para Crianças*



Fonte: *Vida Infantil*. Nº 28, fev/1950, verso da capa. Depositário: FBN

Paula Barros avalia a história de Tiradentes como a mais linda e a mais triste do Brasil. Justifica os termos ao longo do texto, alegando que é linda devido ao seu ato de heroísmo e coragem em lutar pela independência do Brasil, mas é triste pelo fim de sua história: morto na forca. A morte surge, então, como elemento de tristeza e lamento, mas também como mais uma forma de engrandecer o sujeito e de demonstrar seu amor à pátria.

A valorização do nacional fazia parte de um projeto de nação que podia ser localizado, por exemplo, no Decreto-Lei nº 8.529 (Lei Orgânica do Ensino Primário), de 1946, que já em seu Capítulo I previa que uma das finalidades do ensino primário era a de “proporcionar a

respeito, conferir Chartier (2011); Silva (2010). Ainda sobre a composição entre imagem e texto, conferir El Far (2006); Costa & Almeida (2017).

iniciação cultural que a todos conduza ao *conhecimento da vida nacional, e ao exercício das virtudes morais e cívicas* que a mantenham e a engrandecam, dentro de *elevado espírito de Naturalidade humana*” (grifos meus). Nota-se, de um lado, a importância dada à História da Pátria e às virtudes morais e cívicas, como mecanismo de se formar um cidadão defensor de seu país e ciente de suas obrigações morais para com ele; de outro lado, vê-se a construção do “espírito elevado” que Fonseca (2011) salientava, que ia ao encontro de uma lógica de extrema valorização do coletivo/ nacional em detrimento do individual.

Ao analisarmos a edição de julho de 1950, nota-se que o título já reforça a categoria dos heróis: Heróis de 1817. Na leitura do conteúdo, igualmente, pode-se identificar formas de se criar e legitimar esses “heróis”.

De início, Paula Barros busca descrever a Revolução de 1817, movimento encabeçado, segundo ele, por revolucionários em favor da independência do Brasil, comparando o crescimento desse movimento e a explosão de uma pólvora:

Vocês, meninos, já viram um rastilho de pólvora? É só acender a pontinha do rastilho... vê-se aquele foguinho fazer... chit... e correr como busca-pé. Pois foi assim a revolução de 1817. Recife foi a pontinha do rastilho, depois, pegou fogo em Alagoas, Rio Grande do Norte e Ceará (...) (VIDA INFANTIL, julho, 1950)

Sendo a morte um dos elementos de maior destaque no âmbito de uma escrita positivista da História, o autor cita alguns nomes de revolucionários que foram mortos por sua valentia e bravura. Nessa construção, o autor argumenta que os principais chefes da revolução tiveram que “pagar com a própria vida o seu lindo sonho do Brasil liberto”. Alguns dos chefes mortos pelos portugueses têm seus nomes destacados no último parágrafo, como forma de demonstrar o respeito que se deve ter por aqueles que perderam a vida em prol do Brasil.

Figura 52 – Fragmento de *História do Brasil para Crianças*

Dentre êsses, meus garôtos queridos, vocês não esqueçam os nomes de DOMINGOS JOSÉ MARTINS, JOSÉ BARROS LIMA («O Leão Coroado»), PADRE MIGUELI-NHO, PADRE ROMA, PADRE JOÃO RIBEIRO e JOSÉ LUIZ MENDONÇA, mártires de 1817, que deram a vida para fazer do Brasil, uma grande república.

Fonte: Vida Infantil. Nº 33, jul/1950, verso da capa. Depositário: FBN

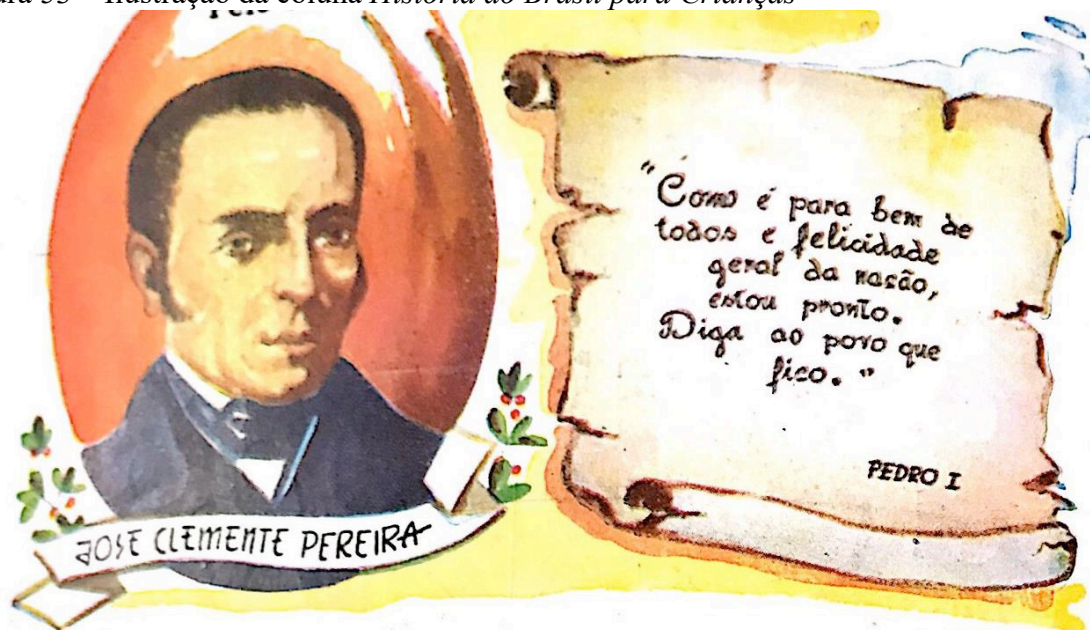
Observa-se, então, a operação de construção dos heróis que, em 1817, lutavam (e morriam) por um Brasil liberto. Sua luta deveria ser reconhecida por todos os brasileiros, numa lógica de gratidão àqueles que “deram a vida para fazer do Brasil uma grande república”.

Seguindo essa perspectiva, em agosto de 1950 (número 34), a publicação tratou do regresso da Família Real para Portugal. O autor explica que, diante de tanta mobilização, por parte dos portugueses, para que D. João VI retornasse a Portugal, o rei acaba cedendo, mas deixa seu filho, D. Pedro, no Brasil. Paula Barros afirma que a ida de D. João VI para Portugal não foi de acordo com a sua vontade, pois, segundo o autor, “D. João foi com uns olhos muito compridos e tristes, meio choroso, mas foi”. Antes de partir, porém, Paula Barros argumenta que D. João disse ao seu filho que se houvesse mobilizações em favor da independência, que fosse sob a chancela de D. Pedro e não sob o comando de “alguns desses aventureiros” brasileiros. Segundo o autor, “D. Pedro nunca mais se esqueceu desse bom segredo de D. João” e seguiu conforme essa orientação.

O texto atribui amplo destaque a D. João VI, uma vez que, além de demonstrar tristeza e lamento por ter que ir embora do Brasil, o que sugere um amor por essa nação, orienta o filho a cancelar possíveis movimentos em prol da independência do Brasil em relação a Portugal. Já no número seguinte, de setembro, o tema é “O dia do Fico”. Segundo a narrativa, D. Pedro, diante das mobilizações para que ficasse no Brasil, mesmo com o pedido dos portugueses para que regressasse à metrópole, declara que decide ficar no país. No texto, imbuído de um tom heroico atribuído a D. Pedro, ressalta-se o seu amor pelo Brasil e pelos brasileiros, de maneira a ratificar a ideia de que o príncipe ficaria em terras brasileiras pelo “bem de todos e felicidade geral da nação”.

Algumas características da escrita tradicional da História ficam evidentes, como a relevância atribuída a nomes, datas e acontecimentos heroicos. Contudo, a ilustração também corroborava com essa perspectiva narrativa em torno dos heróis:

Figura 53 – Ilustração da coluna *História do Brasil para Crianças*



Fonte: *Vida Infantil*. Nº 35, set/1950, verso da capa. Depositário: FBN

Na imagem, observa-se, à esquerda, o destaque dado a José Clemente Pereira, presidente do Senado da Câmara, como conta Paula Barros, e, à direita, ao discurso de D. Pedro. A notoriedade de Clemente Pereira é justificada no texto por se tratar do político que, em respeito à voz do povo, discursou em prol da permanência de D. Pedro no Brasil. Foi para ele, também, que o príncipe regente anunciou que ficaria. Clemente Pereira foi visto, então, como amigo daqueles que pediram que o príncipe ficasse. Logo, amigo da nação.

Além da construção do herói e da relevância atribuída aos sacrifícios, é possível perceber o endereçamento da narrativa de outro modo: a partir de um discurso “amigável”, por meio do qual o autor poderia ser íntimo do leitor, como um amigo, estratégia observável em outras publicações desse tipo, como as elencadas no início do capítulo. *As Aventuras de Tibicuera* (1937), de Erico Veríssimo, por exemplo, já lançava mão, mais de dez anos antes, desse tipo de narrativa, pois se direcionava apenas às crianças, e não aos adultos, e, para ganhar seu leitor, também introduzia certo mistério em suas “aventuras históricas”, tal como Paula Barros na coluna.

No número 5 da revista, de março de 1948, o autor trata da *Expedição de Martim Afonso de Souza* e seu texto começa com a palavra “então”, garantindo certa fluidez ao texto. Pode-se inferir que se tratava de uma forma de continuar o que já fora iniciado anteriormente, isto é, nas outras edições da coluna. Porém, como a publicação de número 4 não foi encontrada, não é possível ter certeza. É possível assegurar, contudo, que o “então” dava uma

ideia de continuidade e, ao mesmo tempo, buscava se aproximar do seu leitor, quebrando formas de narrar padronizadas como as de livros escolares (GOMES, 2003).

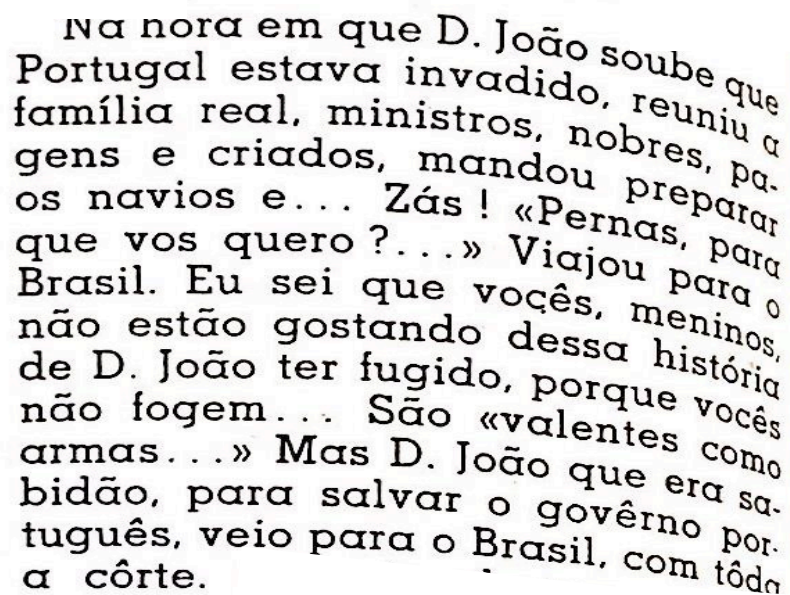
Do mesmo modo, em *O Nome da Terra*, da edição de abril de 1948, o autor fornece explicações sobre a escolha do nome “Brasil”. Começa com a seguinte indagação: “Por que lhe deram o nome de Brasil?”. A despeito do cunho nacionalista da pergunta, nota-se a busca por um entrosamento com o leitor, lançando mão de um questionamento na expectativa de despertar a curiosidade da criança. Por esse fragmento, o fenômeno social da interação verbal defendido por Bakhtin (2014), pode ser identificado, pois, ainda que por meio da escrita, a pergunta de Paula Barros ao seu leitor estabelece uma interação entre o sujeito que escreve e o sujeito que lê. Assim, essa interação não perpassa apenas o âmbito da comunicação em voz alta, mas por todas as formas de comunicação humana, inclusive por meio do impresso, considerado, aqui, como “objeto de discussões ativas” (p. 127) entre leitor e interlocutor.

Paula Barros responde, então, que a terra descoberta pelos portugueses teve diferentes nomes, desde 1500 até a escolha permanente de “Brasil”, mas que a escolha definitiva se devia à árvore nativa desse território: o Pau-Brasil, a árvore que “produzia a tinta vermelha usada para tingir panos e que existia em grande quantidade na região”.

Outro exemplo que ilustra a questão dos modos de se narrar dirigido ao público infantil, no âmbito do impresso, está presente na edição de março de 1949, cujo tema abordado foi a “Guerra Holandesa”. Nela, o autor inicia seu texto com o vocativo “meninos”, para se aproximar do leitor, como observamos, e se utiliza de uma comparação para abordar o ataque da Holanda contra o Brasil. O autor compara os próprios leitores, na condição de crianças inexperientes e frágeis, ao Brasil. Tal comparação cumpre o propósito de não só ilustrar a situação de desvantagem do Brasil em relação à Holanda, como também de fazer os leitores sentirem certa identificação com o seu país, numa lógica que poderia favorecer o patriotismo e o sentimento de pertencimento à nação.

Do mesmo modo, observa-se que, em março de 1950, Paula Barros faz uso de um discurso que apresentava dupla função: uma ia ao encontro da construção do herói, sendo o herói o próprio leitor; e a outra lançava mão de uma escrita “amigável”, como podemos ler a seguir:

Figura 54 – Fragmento de História do Brasil para Crianças



Na nora em que D. João soube que Portugal estava invadido, reuniu a família real, ministros, nobres, pagens e criados, mandou preparar os navios e... Zás! «Pernas, para que vos quero?...» Viajou para o Brasil. Eu sei que vocês, meninos, não estão gostando dessa história de D. João ter fugido, porque não fogem... São «valentes como armas...» Mas D. João que era sagaz, para salvar o governo português, veio para o Brasil, com toda a corte.

Fonte: *Vida Infantil*. Nº 29, mar/1950, verso da capa. Depositário: FBN

De um lado, nota-se a importância dada à “coragem” e à “valentia”, substantivos imprescindíveis para a designação da mocidade brasileira; de outro, observa-se a comparação “valentes como armas”, que faz referência às armas, ao militarismo e ao serviço às forças armadas brasileiras, o que, em geral, vai ao encontro do seu reconhecimento na condição de cidadão brasileiro que, se necessário, daria a vida pela pátria.

Retomando a edição de março de 1949, notamos que o autor elabora perguntas ao leitor, em uma tentativa de interagir e chamar a sua atenção, como no exemplo que se segue: “Numa célebre noite de 8 para 9 de Maio desse ano de 1624, os habitantes da cidade de Salvador, na Bahia, acordaram assustados com uns estrondos formidáveis. *Que é, que não é?*... Eram os holandeses (...)” (VIDA INFANTIL, março, 1949. Grifos meus). Observa-se não só a inserção de uma pergunta, como também o início da narrativa de teor literário: “numa célebre noite...”.

Para marcar as estratégias didáticas com que conduz o texto, nos parágrafos finais, Paula Barros apela para o mistério sobre o que viria a acontecer, como se segue:

(...) E tanto [os brasileiros/ portugueses] atacaram e tanto atacaram que ele [o gigante que representava a Holanda] acabou pedindo a paz. Fez-se a paz. Os invasores foram embora, mas não se acabou a guerra holandesa. Continuou aquela luta terrível entre o menino e o gigante. No próximo número vamos ver o que aconteceu entre os dois. Quem vocês acham que venceu?

Faz-se notável, então, uma escrita que, à semelhança do que Veríssimo buscava fazer uso em 1937, privilegiava uma linguagem mais lúdica e infantil (GOMES, 2003). Claramente, quem vence é o pequeno e frágil menino Brasil. Todavia, a narrativa sobre a história de luta e resistência contra a gigante Holanda só termina na edição de maio de 1949, já apresentada aqui.

A temática em exame é posta com tanta evidência que a ilustração também merece destaque. A esse respeito, importante salientar a relevância das ilustrações nas produções infantis. Uma vez que o conteúdo das publicações voltadas para o público infantil deveria atender para a “fantasia, moral e correção”, a composição gráfica, em especial, as ilustrações, não poderiam ser negligenciadas, haja vista sua potência em atrair o leitor mirim.

O valor atribuído às imagens não ficava a cargo apenas da estética, mas também da capacidade de dialogar com o assunto da coluna e de servir como mais um elemento de formação, instruindo ao mesmo tempo que tornava mais atraente a página. Tomemos como exemplo o mesmo número acerca da Guerra Holandesa. Como visto, Paula Barros compara explicitamente o Brasil ao leitor, considerado um “menino que não sabia ainda carregar uma espingarda” e a Holanda a um “homem forte e bem armado”.

Figura 55 – Ilustração da coluna *História do Brasil para Crianças*



A figura, então, se alinha a esse tipo de descrição. Há, de um lado, um gigante e, de outro, um menino. A ilustração, porém, chama a atenção por alguns elementos. O menino que representa o Brasil se apresenta de maneira caricata: é branco, magro, de cabelo claro, veste

roupa com cores da bandeira (verde e amarelo) e em seu rosto, assim como em sua postura, não transparece medo, transparece, ao contrário, coragem.

Outra ilustração que merece atenção é a de referência ao mês de junho de 1950. O número trata das “Belas Artes” no período de D. João VI, quem, segundo Paula Barros, era um convicto apaixonado pelas artes, em geral, e pela música, em especial. Por conta da apreciação do príncipe regente pelas artes, importou artistas para iniciarem, no Brasil, o ensino das Belas Artes. A composição tipográfica chama a atenção não só pela leveza que dá à cena, mas também pelo conjunto texto-imagem.

Figura 56 – Coluna História do Brasil para Crianças



Fonte: *Vida Infantil*. Nº 46, jun/1950, verso da capa. Depositário: FBN

A ilustração, bastante colorida e harmônica, remete a elementos artísticos, como a paleta de pintura, as notas e os instrumentos musicais. Ademais, a ilustração faz menção ao prédio da Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, destacando a relevância da instituição para

o Brasil. Tais elementos se alinham à definição de História positivista traçada até aqui, uma vez que destaca monumentos oficiais, datas e faz menção a sujeitos considerados importantes da História. Além disso, no próprio texto, Paula Barros lista o nome de vários artistas franceses que vieram ao Brasil nesse momento, se utilizando de datas, nomes e fatos memoráveis para compor a narrativa histórica. Observa-se, assim, um dos modos de se narrar a História.

Outra marca da escrita da História observável na coluna é o que Gomes (2003) chama de escrita da “‘história interna’, quer dizer, aquela se voltava para ‘dentro’ do país (conquista e colonização do território) e não para ‘fora’, para a metrópole portuguesa, como até então predominantemente se fazia” (p. 125). Nesse formato de escrita da História do Brasil, temos alguns exemplos na coluna, como, por exemplo, na publicação do mês de dezembro de 1948, que tem por título “A Colonização do Norte”. O texto aborda o processo de colonização brasileira, com especial enfoque na atual região nordeste, referida como norte na coluna⁷⁰.

Paula Barros inicia o texto citando Iracema, personagem do livro “Iracema”, de José de Alencar, para apresentar “um dos heróis do romance, Martins Soares Moreno”, quem, ao longo do texto, é citado novamente para tratar da expedição empreendida pelos portugueses, dentre os quais está Moreno, para expulsar os franceses do Maranhão. Moreno é, então, celebrado como “o colonizador do Ceará”. Nota-se a construção do “herói” que colonizou o Ceará. Enfatiza-se o modo de “criação” dos estados hoje conhecidos como Maranhão e Ceará, salientando, também, que Paraíba, Sergipe, Alagoas e Rio Grande do Norte estavam em processo de colonização.

Esse movimento também pode ser observado em junho de 1948, cujo conteúdo versa sobre o da atuação dos Governadores Gerais em território brasileiro. Atribui-se certa relevância ao governo do segundo governador geral, Duarte da Costa, com especial enfoque ao processo de colonização. Para além disso, Paula Barros trata da fundação da cidade de São Paulo e do Rio de Janeiro, por exemplo, e das tentativas dos franceses de colonizarem a nova terra, com destaque para o Rio de Janeiro. O autor também indica o primeiro nome atribuído à localidade: São Sebastião do Rio de Janeiro. Citar a fundação das cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro não surpreende, uma vez que eram cidades tidas como centrais à época de publicação da revista, muito por conta do fato de o Rio de Janeiro ser a capital do país (Distrito Federal), o que implicava em conhecer não só a história do país, como também a história do lugar de moradia. Ainda que, em tese, *Vida Infantil* tivesse circulação nacional, como se observa na seção de Correspondência⁷¹, observável na figura 4, página 39, os estados

⁷⁰ Conforme Hallewell (1985), era comum a referência norte ao nordeste brasileiro, no período.

⁷¹ Nesta dissertação, utilizamos a seção de *Correspondência* da revista como principal fonte de observação da circulação de *Vida Infantil*. Importa ressaltar que o Índice Verificador de Comunicação (IVC), responsável

de São Paulo e Rio de Janeiro, além do Distrito Federal, à época, deveriam ser conhecidos por todos os brasileiros, de norte a sul do país, em uma perspectiva claramente regionalista.

Albuquerque Júnior argumenta, outrossim, que “a história passa a ter a função de dizer a *verdade* sobre o passado da civilização e da nação (...)” (2012, p. 25, grifo meu), aspecto que pode ser observado em alguns números de *História do Brasil para Crianças*. Na publicação de abril de 1948, já visto aqui, que tratava da escolha do nome “Brasil”, Paula Barros faz uso o termo “verdade” para se referir aos fatos narrados e, assim, legitimá-los, como no seguinte excerto:

A *verdade* é que duzentos anos, quasi (sic), antes de Cabral descobrir o Brasil, já havia mapas com o desenho de uma ilha no oceano Atlântico, com o nome de Brasil. Uma cousa, porém, é certo – o nome de Nossa Terra veio por causa do pau brasil e não por causa dessa ilha. (grifos meus)

Observam-se palavras como “verdade” e “certo” para introduzir o assunto, conforme a perspectiva de “transmissão da verdade histórica”, por meio da qual se aprenderia sobre o passado da nação e se valorizaria o conteúdo em pauta. Ainda que esse espaço fosse frequentemente ocupado pelos livros didáticos (BITTENCOURT, 2008), é possível notar que a forma de escrita da História da coluna de *Vida Infantil* seguia moldes semelhantes, o que corrobora com a intenção de se atingir a um público infantil escolarizado.

No que tange ao endereçamento da narrativa, a confirmação de que se tratava de crianças escolarizadas pode ser identificada por meio de alguns fragmentos da coluna, como, por exemplo, o excerto abaixo extraído da edição de agosto de 1948:

Figura 57 – Fragmento da coluna *História do Brasil para Crianças*

Nicolau Durand de Villegagnon (perguntem à professora como devem ler este nome) com o auxílio do rei de França organizou uma expedição de 3 navios que, além dos marinheiros, trouxeram 80 colonos.

Fonte: *Vida Infantil*. Nº 10, ago/1948, verso da capa. Depositário: FBN

Observa-se nesse excerto a solicitação do autor de que o leitor pergunte à professora o modo de pronúncia de um nome francês. Tal solicitação sugere que o público consumidor da revista é um público infantil com acesso à escola. Não é, porém, a única evidência dessa pressuposição. A edição de dezembro, do mesmo ano, também lança mão da ideia de que as crianças consumidoras teriam acesso à escola e poderiam tirar dúvidas de conteúdo, como na sentença: “*peçam à professora* que mostre (...) no mapa o Equador e a Zona Equinocial” (sic) (VIDA INFANTIL, dezembro, 1948, grifos meus). Nesse sentido, Rosa (2002) salienta que

quando da apresentação da revista O Tico-Tico seus editores se dirigiam às crianças brasileiras, buliçosas e irrequietas, irreverentes, sim, mas que viviam em lares estáveis, assistidas constantemente pelos pais, frequentando regularmente a escola e onde a revista seria mais uma, entre tantas opções de lazer.

Importante notar que, por um lado, podia se tratar de uma estratégia da revista de transitar no ambiente escolar, uma vez que, ao tirar a dúvida com a suposta professora, a criança teria que explicar de onde surgiu a dúvida, citando, assim, o nome de *Vida Infantil*, dando-lhe algum tipo de visibilidade. De outro lado, o fator gênero também pesa, visto que é recorrente o termo “professora”, no feminino, ao se tratar do docente, concorrendo para o que se compreende como “feminização do magistério”, assim como é recorrente o vocativo “meninos”, no masculino, para se referir à criança consumidora da revista. Se se considera que o uso de “meninos” por Paula Barros é justificado pela formação do plural em língua portuguesa, não se justifica, então, o uso de “professora” para se referir ao docente, constituindo uma questão de gênero⁷².

Ao observarmos a construção da coluna *História do Brasil para Crianças* percebemos a escrita da História do Brasil sob uma ótica positivista linear, cuja discussão pode ser corroborada por meio de fragmentos extraídos da coluna. Ademais, os estudos de Albuquerque Júnior (2012), Bittencourt (1993; 2018) e Gomes (2003), por exemplo, foram de suma importância no processo de compreensão e análise da narrativa histórica observável ao longo dos números da coluna. Foi possível examinar, igualmente, algumas categorias de análise, como a construção do herói, a relevância de nomes, datas e fatos marcantes para narrar a História do Brasil concebida como oficial. Esse modo de concepção da História também pode ser ratificado pelo fato de a sua construção se dar nos moldes de uma linha do tempo, partindo de uma suposta gênese e caminhando para os acontecimentos mais recentes e relevantes, marcados por uma concepção tradicional da História.

Passemos, assim, para o próximo tópico, o qual recai na análise de outro recurso lançado mão por *Vida Infantil* para ratificar a importância atribuída à História do Brasil no âmbito da revista. Observou-se que a coluna *História do Brasil para Crianças* utilizava uma

⁷² Trata-se de uma possível frente de pesquisa. Contudo, não cabe aprofundar a temática nesse momento. A esse respeito, conferir, em particular, Louro (2011), Priore (2011) e Rizzini & Schueler (2018).

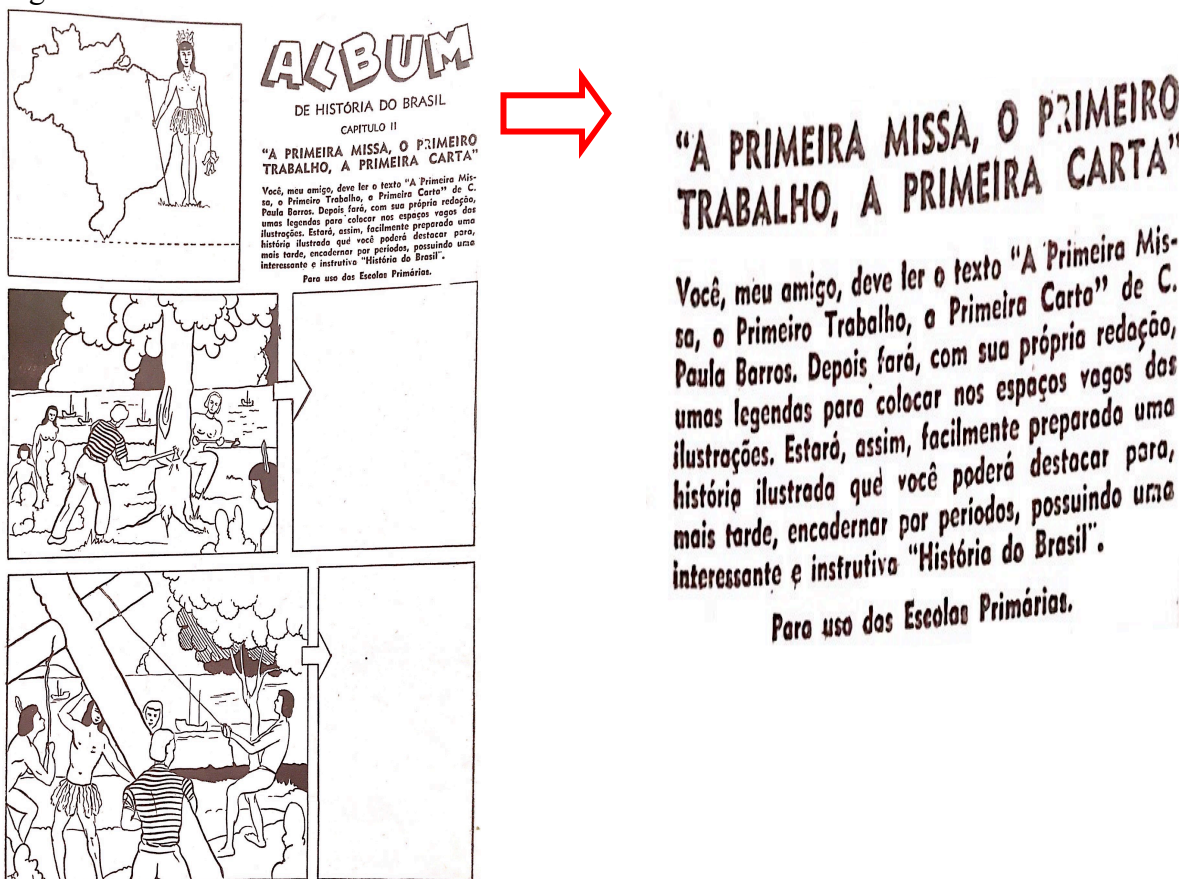
linguagem mais próxima da forma escolar de transmissão de conteúdos, ainda que também fizessem uso de termos menos formais para se aproximar do pequeno leitor. No tópico seguinte busca-se perceber, então, modos de se operar com o tema da História do Brasil de maneira menos escolar e mais lúdica, por meio de um álbum colecionável.

3.3 Para aprender, se divertir e guardar a História do Brasil: o *Álbum de História do Brasil*

Sob a lógica de ensinar e reforçar a História da nação, *Vida Infantil*, como já indicado, utilizava diferentes recursos, como a coluna *História do Brasil para Crianças*, a história em quadrinhos intitulada *Lourolino e Remendado* e, ainda, o *Álbum de História do Brasil*. Este tópico visa apresentar o álbum em destaque, de maneira a observar seu modo de organização, além das potências e das fragilidades deste instrumento.

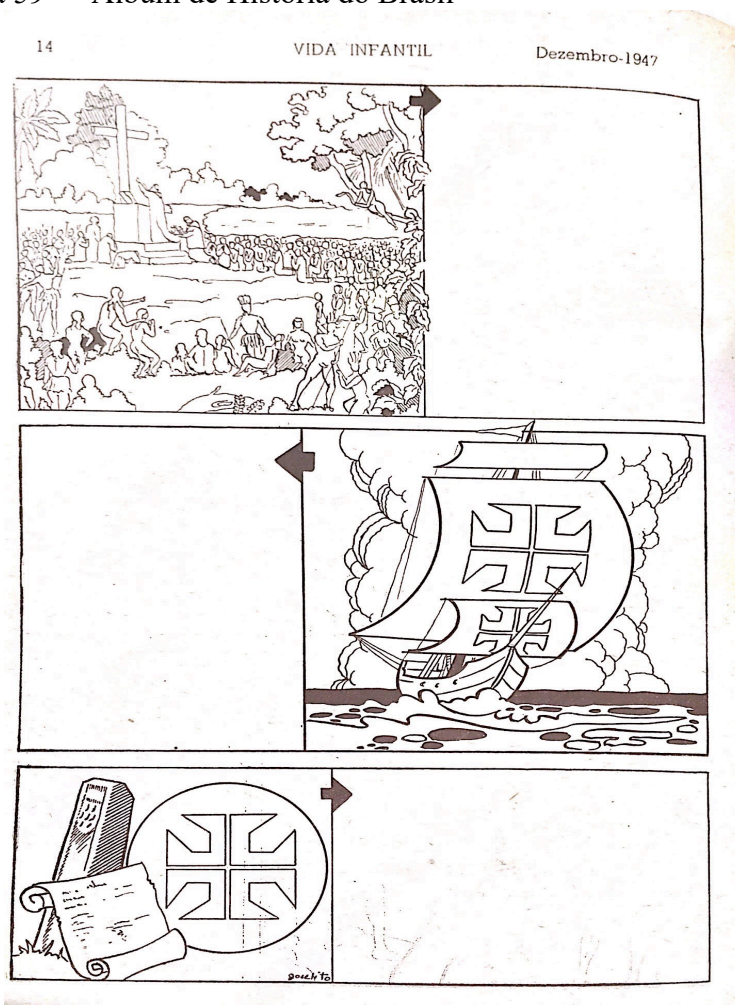
O *Álbum de História do Brasil* pode ser compreendido como componente da tríade de História do Brasil, em conjunto com a coluna e a HQ, o que o coloca em uma posição de privilégio para a análise. Observemos o modo de operação do *Álbum de História do Brasil*:

Figura 58 – “Álbum de História do Brasil”



Fonte: *Vida Infantil*. Nº 2, dez/1947, p. 13. Depositário: FBN

Figura 59 – “Álbum de História do Brasil”



Fonte: *Vida Infantil*. Nº 2, dez/1947, p. 14. Depositário: FBN

Observa-se que o teor pedagógico é bastante presente, haja vista a indicação de que poderia ser “para uso das Escolas Primárias” e de que, ao montar o seu álbum, a criança teria “uma interessante e instrutiva ‘História do Brasil’”. Buscava-se instruir o leitor mirim, sem abrir mão da ludicidade, para que se pudesse provocar algum interesse por parte da criança.

No que toca ao efeito de ludicidade, considera-se que, ainda que não se tratasse de um brinquedo de armar, como discutido no capítulo dois, o *Álbum de História do Brasil* visava divertir enquanto reforçava um conteúdo escolar visto anteriormente na revista. De caráter híbrido, seu espaço era subjacente às colunas educativas e instrutivas e às HQs, mas cumpria funções que iam ao encontro de ambos: o de ratificar o conteúdo lido em *História do Brasil para Crianças* e o de recrear o público. Além disso, se buscava garantir que a criança lesse, efetivamente, a coluna de História para poder ter acesso ao álbum e fazer uso do passatempo.

O formato da coluna seguiu esse padrão durante todo o período de análise (até dezembro de 1950) e acompanhou todos os números analisados, sendo o tema consonante

com a coluna de origem, *História do Brasil para Crianças*. Além disso, o álbum também se associava com a HQ *Lourolino e Remendado*, como podemos observar nos exemplos a seguir:

Figura 60 – “História do Brasil para Crianças”



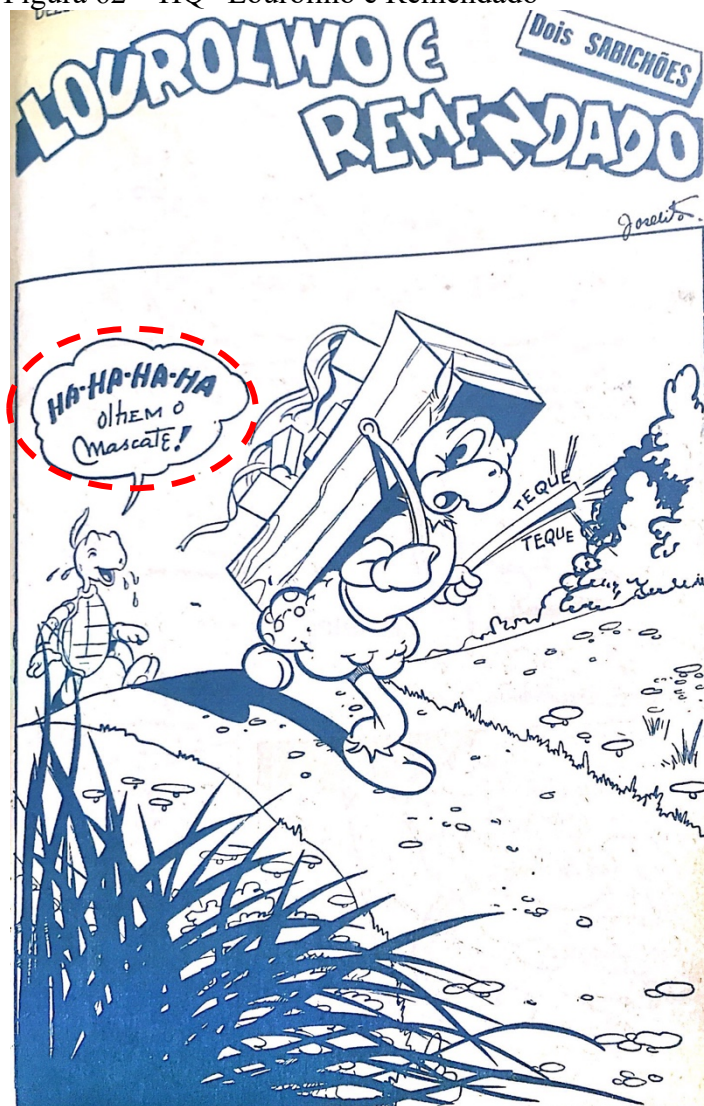
Fonte: *Vida Infantil*. Nº 26, dez/1949, verso da capa. Depositário: FBN

Figura 61 – “Álbum de História do Brasil”



Fonte: *Vida Infantil*. Nº 26, dez/1949, p. 17. Depositário: FBN

Figura 62 – HQ “Lourolino e Remendado”

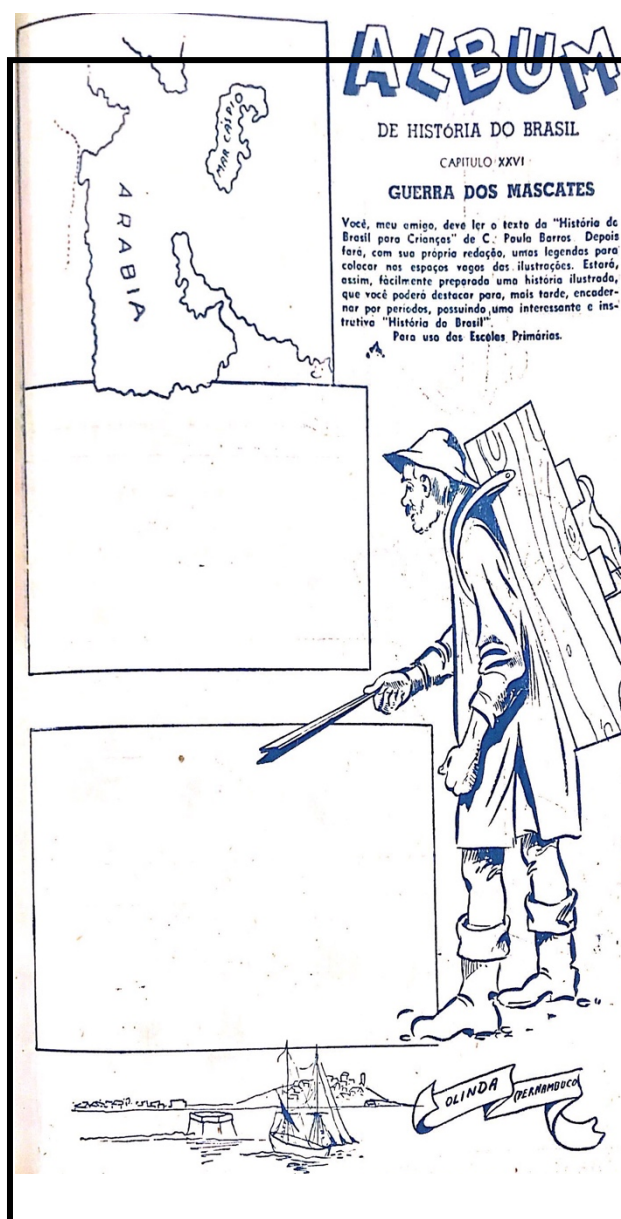


Fonte: *Vida Infantil*. Nº 26, dez/1949, p. 23. Depositário: FBN

A partir das fontes, corrobora-se a tríade formada entre as seções. Além disso, importante notar o modo como os articulistas de *Vida Infantil* apostam numa escrita da História do ponto de vista positivista, como temos visto ao longo do capítulo três, por meio das análises da coluna *História do Brasil para Crianças*. Embora se observem elementos da ludicidade nos três espaços, o Álbum lança mão de uma interação com o leitor, uma vez que a revista provê o recurso para a elaboração de uma história ilustrada, mas caberia ao leitor organizá-lo e ilustrá-lo.

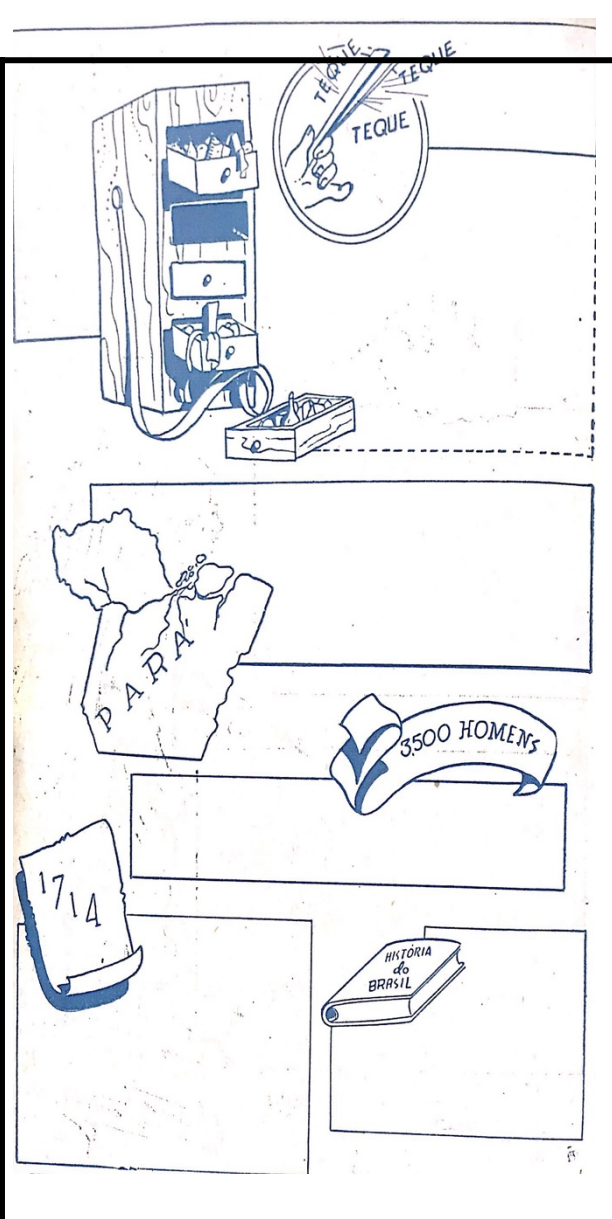
O modo de concepção de uma História positivista pode ser observado, do ponto de vista do álbum, pelos fatos considerados mais relevantes serem destacados na elaboração da história ilustrada. Observemos:

Figura 63 – Álbum de História do Brasil
Frente



Fonte: *Vida Infantil*. Nº 26, dez/1949, p. 17.
Depositário: FBN

Figura 64 – Álbum de História do Brasil
Verso



Fonte: *Vida Infantil*. Nº 26, dez/1949, p. 18.
Depositário: FBN

Nota-se que a ênfase é dada aos homens “heróis” e à memorização de seus nomes e feitos; datas e eventos marcantes, seguindo o modelo próprio à narrativa positivista da História (BITTENCOURT, 2008, 2018; ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012). Na parte da frente do álbum, o enfoque é dado ao significado do termo “mascate”, representado por um homem, advindo da Ásia, ou da Arábia, mais especificamente, e que andava com uma caixa grande, em formato de armário, nas costas. Assim, há a hipótese de que se esperava que a criança escrevesse sobre essas informações na parte da frente do álbum. No verso, faz-se

menção às caixas que os “mascates” carregavam nas costas e ao barulho que os mesmos faziam quando batiam um pedaço de madeira no outro (“teque-teque”); “Teque-teque” também era o apelido atribuído aos mascates, no Pará. Menciona-se, igualmente, a quantidade de homens movimentados para a guerra entre os habitantes de Recife e os de Olinda, por motivos de território. Assinala-se o ano do término da guerra – 1714 – e, por fim, ilustra-se a observação de Paula Barros sobre o fato de os leitores se aprofundarem, futuramente, em História do Brasil. Nota-se, portanto, as ênfases atribuídas às informações apresentadas na coluna *História do Brasil para Crianças*: guerras, grandes feitos, sujeitos marcantes, datas e nomes a serem memorizados.

É válido observar, ainda, que as ilustrações se associam – isto é, tanto na coluna *História do Brasil para Crianças* (figura 60), quanto na HQ (figura 62) e no álbum (figuras 63 e 64), observa-se o mesmo ilustrador, Joselito⁷³, e a mesma representação: a do mascate que leva, às costas, uma caixa grande, em formato de armário, com seus pertences. Como discutido nesta dissertação, as ilustrações também são potentes transmissores de conteúdo e das intenções pretendidas, de maneira que sua inserção em determinado material amplia suas formas de compreensão.

Por fim, o presente tópico buscou apresentar o *Álbum de História do Brasil*, recurso complementar à coluna analisada no capítulo: *História do Brasil para Crianças*. A partir desse movimento, intentou-se ratificar que havia uma tríade referida à educação e instrução destinada ao público leitor em relação à História do Brasil formada pelo álbum, pela coluna e pela HQ *Lourolino e Remendado*. Além disso, observou-se o modo como a História do Brasil é narrada por essa tríade, sendo que a História é tida, nos limites desta dissertação, como um dos elementos de educação e instrução vislumbrados pelos articulistas de *Vida Infantil*.



⁷³ Não foram encontradas referências precisas a respeito de Joselito. Contudo, sabe-se que foi um importante ilustrador de livros e revistas, do período. Foi o responsável pelas ilustrações das revistas *Vida Infantil* e *Sesinho* e dos livros *Anel de Vidro* (1956) e *Princesinha do Castelo Vermelho* (2ª ed, 1950), ambos de Vicente Guimarães.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vida Infantil, objeto e fonte desta pesquisa, se mostrou potente, em especial, pelos diversos modos de operar com as chaves *divertir*, *educar* e *instruir*. A revista, compreendida como um observatório de concepções ideológicas e pedagógicas às quais respondia e se inseria, pôde esclarecer aspectos relativos ao hibridismo no âmbito de um impresso periódico.

Com vistas a responder a hipótese central levantada nesta dissertação, a qual versava sobre a ideia de *Vida Infantil* se tratar de um periódico híbrido, foram pensados três capítulos que pudessem dar conta dessa hipótese. Assim, no primeiro capítulo recorreu-se à concepção de revista e periódico, compreendendo que o suporte respondia às necessidades editoriais, à época. Também foram levantados dados sobre a revista a fim de apresentar como se constituía *Vida Infantil*, no que diz respeito ao local, ao período e aos sujeitos envolvidos na produção e na circulação da revista, assim como à própria organização do impresso. Além disso, considerou-se que suas rupturas e seus deslocamentos são fruto das rupturas e dos deslocamentos em âmbito histórico e social.

Ainda no primeiro capítulo, foram observados os intelectuais que compunham *Vida Infantil* e o modo como operavam para com os objetivos propostos. Discutiu-se o conceito de intelectuais e a composição de uma rede de sociabilidade tecida por eles, com vistas a se entender como se associavam para produzir uma malha formada por três periódicos: *Vida Doméstica*, *Vida Infantil* e *Vida Juvenil*. Observou, assim, a liderança de Jesus Gonçalves Fidalgo e a relevância que apresentava no âmbito dessas publicações.

Ademais, fez-se necessário notar as diferenças em relação aos termos “educar” e “instruir”, haja vista o lema da revista: *diverte – educa – instrui*. Para tanto, buscamos observar permanências e rupturas nos modos de se utilizar tais termos. Notou-se que o fato de *Vida Infantil* lançar mão de tal termo em seu lema funciona como um movimento de permanência, própria da narrativa histórica, uma vez que há uma recorrência na diferenciação entre educar e instruir (SCHUELER, 1997; MAGALDI, 2003). Para além das concepções de educar e instruir, recorreu-se, também, aos dados oficiais para se compreender o panorama da alfabetização no Estado do Rio de Janeiro, Niterói e Distrito Federal, à época.

Observou-se, no primeiro capítulo, que o espaço destinado ao entretenimento e à diversão era maior quando comparados à educação e à instrução. Logo, sua importância no âmbito da revista mereceu destaque. Resultou, então, no segundo capítulo. Neste capítulo, buscou-se compreender modos de entreter o público infantil, com especial enfoque nas HQs. Este elemento, no âmbito da diversão para a criança, foi chave para a constituição da pesquisa, ao se considerar as inúmeras páginas que estampavam a revista por meio de piadas, histórias divertidas, histórias com lições de moral e personagens advindos do mundo animal:

foram encontradas tartarugas, tucanos, coelhos, porcos, macacos e outros animais ao longo do capítulo.

Foi também no segundo capítulo que uma HQ chamou a atenção e ganhou destaque: *Lourolino e Remendado*. Nesta HQ, os personagens narravam a História do Brasil, ora como “historiadores”, ora como “testemunhas da História”. Observou-se que esta HQ se articulava com outras duas colunas na revista: *História do Brasil para Crianças* e *Álbum de História do Brasil*. Assim, foi possível perceber o quanto a disciplina de História do Brasil se mostrava potente na construção da *Vida Infantil*.

O terceiro e último capítulo recaiu na análise da coluna intitulada *História do Brasil para Crianças*, que se direcionava ao outro aspecto que compunha o hibridismo de *Vida Infantil*: a educação e instrução do público leitor. Neste capítulo, pudemos observar modos de se narrar a História do Brasil a partir de algumas categorias de análise, como a construção do herói, a valorização dos grandes feitos e das datas marcantes, a linearidade da História escolar (e a escrita positivista da História) e a formação cívica e patriótica da criança.

Com esse objetivo, analisamos a coluna em destaque, assinada por Carlos Marinho de Paula Barros, entre 1947 e 1950, observando o conteúdo ali veiculado, as ilustrações, as permanências e as rupturas e algumas estratégias de escrita da História. Nesse sentido, sobrelevaram-se as características referentes à abordagem própria ao positivismo histórico e observaram-se marcas identificáveis em livros didáticos, tais como o destaque atribuído a nomes, datas e feitos heroicos e os termos utilizados para aproximar autor e leitores (BITTENCOURT, 1993; 2003; 2008; 2018; SILVA, 2008).

Percebeu-se que, apesar de tratar de conteúdo escolar, o objetivo de se instruir o pequeno leitor se distribuía de diferentes formas na revista, fosse por meio de uma coluna específica, por um álbum ou por uma HQ. Ademais, verificou-se a importância atribuída ao estudo da História do Brasil no intuito de formar crianças cientes de sua responsabilidade para com o país, capazes de reconhecer os heróis nacionais e de amar a nação, demonstrando esse amor por meio do estudo e do trabalho.

Como já salientado, a pesquisa girou em torno da hipótese central de que *Vida Infantil* se constituía como uma revista híbrida, segundo um misto entre instruir e recrear. As análises puderam ratificar tal hipótese, uma vez que foi possível perceber que tanto nos espaços destinados para a diversão havia elementos de instrução quanto nas seções educativas havia marcas de entretenimento. Tal configuração vai ao encontro do que se compreende por impresso híbrido, cuja concepção se alinha a um tipo de ação recreativa e pedagógica (ROSA, 2002).

Dessa forma, compreende-se que *Vida Infantil* não se encaixava no perfil de revista pedagógica propriamente, apesar de ter havido evidências de possível circulação no meio

escolar. Seu perfil, a despeito da ação pedagógica empreendida, é de divertir em primeiro lugar, educar e instruir em seguida, como a ordem indicada no seu subtítulo. Ademais, *Vida Infantil* pode ser definida como uma revista voltada primordialmente para um grupo seletivo de consumidores: o público infantil escolarizado, pertencente aos grandes centros urbanos.

Entende-se, outrossim, que não foram esgotadas todas as possibilidades de análise de *Vida Infantil*, considerando o pequeno recorte dado, nos limites desta dissertação. São possibilidades de análises futuras, por exemplo, o alargamento do período de publicações analisado; a apropriação da leitura por parte dos leitores; as propagandas; a linguagem visual; a correspondência; outras seções da revista; e a história da técnica (técnicas de produção e o maquinário utilizado, por exemplo).

As cores da revista também dão certo refinamento às HQs, principalmente as que eram totalmente coloridas. Nesse sentido, penso que a questão da linguagem visual da revista e das suas HQs se configura como uma possibilidade de estudo futura, visto que apenas ao folheá-la é possível lê-la e compreendê-la, ainda que de maneira fragmentada. Isso indica que o aspecto visual da revista é uma forma de linguagem, que dialoga com os conteúdos e apresenta objetivos, público-alvo e contexto de produção.

O conteúdo, construído por meio de diálogos e lições de moral, ia ao encontro de um impresso que visava, em primeiro lugar, ser de interesse da criança, mas que intentava, também, ser agradável aos olhos dos adultos, reais consumidores (compradores) da revista, e ser chancelado aos olhos das professoras referidas no periódico. Apesar do espaço reduzido na revista, as colunas instrutivas apresentavam características típicas de livros didáticos, podendo *Vida Infantil* ser compreendida como uma “escola em revista” ou, ainda, “um livro didático sob a forma de revista”.

Além das possibilidades assinaladas, também faz parte de um horizonte futuro pesquisar a revista *Vida Juvenil*, entendendo que se tratava de um impresso contemporâneo de *Vida Infantil* e que era editada pela mesma sociedade gráfica. Dessa maneira, há o desejo de pesquisar *Vida Juvenil* em uma perspectiva relacional com *Vida Infantil*.

Por fim, ressalta-se que esta pesquisa buscou focalizar parte da História a lume de um impresso. Espera-se, assim, que os resultados alcançados contribuam com os estudos no âmbito da História da Educação e do Impresso, para que seja possível observar permanências e rupturas em termos de composição de um impresso periódico para o público mirim e de modos de se compreender aspectos da vida leitora de um público infantil.



REFERÊNCIAS:

- ABREU JÚNIOR, Laerthe de Moraes. *Apontamentos para uma metodologia em cultura material escolar*. Revista Pro-Posições, Campinas: Faculdade de Educação UNICAMP, v. 16, n. 46, p. 145-164, jan./abr. 2005.
- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa*. 2ª Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.
- ALBURQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. “Fazer defeitos nas memórias: para que servem o ensino e a escrita da história?” In: GONÇALVES, Márcia de Almeida [et al] (orgs). *Qual o valor da história hoje?* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 21-39.
- ALENCAR, Patrícia Maria Garcia. *A Revista “O Tico-Tico” e a Escrita Infantil em Circulação no Encarte “Meu Jornal”*: seus autores e leitores (1935-1940). Dissertação de mestrado em educação. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2015.
- ALMEIDA, Cíntia Borges de & COSTA, Aline Santos. Para *A Petizada Innocente*: encanto, diversão e lições de conduta na revista *O Tico-Tico* (1905-1910). Revista Teias v. 16, n. 41, 54-71 (abr./jun. - 2015): Infância, Literatura e Educação.
- ALMEIDA, Cíntia Borges de; COSTA, Aline Santos. “O Tico-Tico: espaço de entretenimento e representação da prática escolar republicana”. In: SILVA, Márcia Cabral da; BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani (Orgs.). *Literatura, leitura e educação*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2017. p. 99-132.
- ÂNGELO MENDES DE MORAIS. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Dossiê sobre Ângelo Mendes de Moraes. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/angelo_mendes_de_morais>. Acesso em: 12 de abril de 2018.
- ARENDETT, João Claudio; LIMA, Letícia; MENEGOTTO, Roberto Rossi. *Leitura e censura na Serra Gaúcha*: considerações sobre o jornal Correio Riograndense (1940-1950). Revista Labirinto, Porto Velho (RO), ano XVII, vol. 27 (jul-dez), n. 1, 2017, p. 193-209.
- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BAKHTIN, M. M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. 16ª Ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- BANCO DE TESES DA COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR - CAPES. Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br/bancodeteses/#/>>. Acesso em: jan. 2018.
- BARBOSA-LIMA, Maria da Conceição; CASTRO, Giselle Faur de; ARAÚJO, Roberto Moreira Xavier de. *Ensinar, formar, educar e instruir*: a linguagem da crise escolar. Ciência E Educação, v. 12, n. 2, p. 235-245, 2006.

BITTENCOURT, Circe. *Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar*. Tese de doutorado em História/USP, São Paulo, 1993.

_____. “Livro didático entre textos e imagens” (org.). *O saber histórico em sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 69-90.

_____. *Livro didático e saber escolar (1810-1910)*. Coleção História da Educação. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

_____. *Reflexões sobre o ensino de História*. Estudos Avançados [online]. 2018, vol.32, n.93, pp.127-149.

BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício de historiador*. Jorge Zahar Ed, 2001.

BRAGANÇA, Aníbal & ABREU, Márcia (orgs.). *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

BRASIL. *Constituição Política do Imperio do Brazil de 1824*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao24.htm>. Acesso em: 20 de junho de 2018.

_____. *Regulamento para a reforma do ensino primario e secundario do Municipio da Côte (1854)*. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-1331-a-17-fevereiro-1854-590146-publicacaooriginal-115292-pe.html>>. Acesso em: 20 de junho de 2018.

_____. *Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil (1891)*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/Constituicao/Constituicao91.htm>. Acesso em: 20 de junho de 2018.

_____. *Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil (1934)*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao34.htm>. Acesso em: 20 de junho de 2018.

_____. *Constituição dos Estados Unidos do Brasil (1946)*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao46.htm>. Acesso em: 20 de junho de 2018.

BRAUDEL, Fernand. *Lucien Febvre e a História*. Revista de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1965.

BRITES, Olga. *Infância, trabalho e educação – A Revista Sesinho – 1947-1960*. Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1992.

BURKE, Peter. “Os fundadores: Lucien Febvre e Marc Bloch”. In: *A escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia*. 3ª edição. São Paulo: UNESP, 1997.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de; TOLEDO, Maria Rita. Os sentidos da forma: análise material das coleções de Lourenço Filho e Fernando de Azevedo. In: OLIVEIRA, Marcus

Aurélio Taborda de (org.). *Cinco estudos em história e historiografia da educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

CARVALHO, Michele Ribeiro de. *Memórias de Erico Veríssimo: primeiras leituras ao Solo de Clarineta (1912-1922)*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2016.

CATANI, Denise Bárbara; BASTOS, Maria Helena Câmara (Orgs.). *Educação em Revista: a imprensa pedagógica e a História da Educação*. São Paulo: Escrituras, 2002.

CERTEAU, Michel. “A operação histórica”. In: *A Escrita da História*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger (org). *Práticas da Leitura*. 5ª Ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

COSTA, Aline Santos. *A Comissão Nacional de Literatura Infantil e a formação do público leitor infanto-juvenil no Governo Vargas (1936-1938)*. Dissertação (Mestrado em História Social) – UFRJ / IH / PPGHIS /Programa de Pós Graduação em História Social, 2011.

COSTA, Aline Santos. *A conformação da literatura infantil como disciplina no Instituto de Educação do Distrito Federal (1932 - 1938)*. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2018.

COSTA, Aline Santos & ALMEIDA, Cíntia Borges de. “O Tico-Tico: espaço de entretenimento e representação da prática escolar republicana”. In: SILVA, Márcia Cabral da & BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. *Literatura, leitura e educação*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018.

COSTA, Patrícia Coelho da, et al. *Relatório de Pesquisa*. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica, 2015.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DIANA, Daniela Biason Gomes. *Texto didático*. Toda Matéria. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/texto-didatico>. 2017. Acesso em: 28 de setembro de 2018.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. *Revista*. Disponível em: <www.dicio.com.br/revista>. Acesso em: 16 de abril de 2018.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. *Vida*. Disponível em: <www.dicio.com.br/vida>. Acesso em: 30 de abril de 2018.

EISNER, Will. *Quadrinhos e arte seqüencial*. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

EL FAR, Alessandra. *O livro e a leitura no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. *Educar, Instruir e Civilizar: contribuição à História da Educação Infantil em Minas Gerais*. Série Documental/Relatos de Pesquisa, n. 24, abril de 1995.

FARIA FILHO, Luciano Mendes et alli. *A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.1, p. 139-159, jan./abr., 2004.

FERNANDES, José Ricardo Oriá. *O Brasil contado às crianças: Viriato Corrêa e literatura escolar para o ensino de História (1934-1961)*. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 2009.

FONSECA, Thais Nivia de Lima e. *História & Ensino de História*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, 3ª ed.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. Cia das Letras: SP, 1987.

GOMES, Angela de Castro. *Essa gente do Rio... os intelectuais cariocas e o modernismo*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro. vol. 6, n. 11, 1993, p. 62-77.

GOMES, Angela de Castro. *As Aventuras de Tibicuera: literatura infantil, história do Brasil e política cultural na Era Vargas*. Revista USP, São Paulo, nº 59, p. 116-133, setembro/novembro 2003.

GOMES, Angela de Castro (org). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GOMES, Ivan Lima. *Uma breve introdução à história das histórias em quadrinhos no Brasil*. 6º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, UFF, 2008.

GONÇALO JUNIOR. *A Guerra dos Gibis: a formação do mercado editorial brasileiro e a censura aos quadrinhos, 1933-64*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

GOULEMOT, Jean Marie. “Da leitura como produção de sentidos”. In: CHARTIER, Roger (org.). *Práticas da Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: Edusp, 1985.

HANSEN, Patrícia Santos. *Brasil, um país novo: literatura cívico-pedagógica e a construção de um ideal de infância brasileira na Primeira República*. Tese (doutorado em história). Universidade de São Paulo, USP, 2007.

HANSEN, Patrícia Santos. “‘A arte de formar brasileiros’: um programa de educação cívica nas páginas da revista O Tico-Tico”. In: MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello & XAVIER, Libânia Nacif (orgs). *Impressos e história da educação: usos e destinos*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008, p. 45-58.

HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Disponível em:
<<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: jun. 2017.

HERNÁNDEZ DÍAZ, José María (ed.): *Prensa Pedagógica y Patrimonio Histórico Educativo*. Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 2015, 433p.

HERNÁNDEZ DÍAZ, José María. *Prensa pedagógica: mujeres, niños, sectores populares y otros fines educativos*. 1ª ed. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2018, 640p.

HOHLFELDT, Antonio. “Na história das publicações brasileiras, a criança também teve vez...”. In: BRAGANÇA, Aníbal & ABREU, Márcia (orgs.). *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora Unesp, 2010, p. 363-380.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Anuário Estatístico do Brasil – 1950*. Ano XI. Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1951.

INSTITUTO VERIFICADOR DE COMUNICAÇÃO (IVC). Disponível em: <<https://ivcbrasil.org.br/>>. Acesso em: 10 de setembro de 2018.

INTERNATIONAL BOARD ON BOOKS FOR YOUNG PEOPLE (IBBY). Disponível em: <<http://www.ibby.org/awards-activities/awards/hans-christian-andersen-awards>>. Acesso em: 28 de maio de 2018.

JORGE, Noemi da Silveira. *Raízes em Óbidos*. All Print Editora. Nova Iguaçu: Rio de Janeiro, 2015.

JULIA, Dominique. *A cultura escolar como objeto histórico*. Revista Brasileira de História da Educação, Campinas, n. 1, p. 9-44, 2001.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

LEI ORGÂNICA DO ENSINO PRIMÁRIO. Decreto-lei n. 8.529, 1946. Disponível em: <www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-8529-2-janeiro-1946-458442-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 11 de agosto de 2017.

LIMEIRA, Aline de Moraes; SCHUELER, Alessandra Frota Martinez de. *Ensino particular e controle estatal: a reforma Couto Ferraz (1854) e a regulação das escolas privadas na Corte Imperial*. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.32, p.48-64, dez. 2008.

LOURO, Guacira Lopes. “Mulheres na sala de aula”. In.: PRIORE, Mary del (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2011.

MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. *A quem cabe educar? Notas sobre as relações entre a esfera pública e a privada nos debates educacionais dos anos de 1920-1930*. Revista Brasileira de História da Educação, n° 5 jan./jun. 2003.

MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello & XAVIER, Libânia Nacif (orgs.). *Impressos e história da educação: usos e destinos*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: EDUSP, 2001.

MERLO, Maria Cristina. *O Tico-Tico: um marco nas histórias em quadrinhos no Brasil (1905-1962)*. Trabalho apresentado no II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, GT de História da Mídia Visual. Florianópolis, 2004.

MONFARDINI, Juliana Costa de Góes. *HQaulas, meu professor gosta de ensinar*. Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2013.

MUNAKATA, Kazumi. *Produzindo livros didáticos e paradidáticos*. Tese de doutorado em História e Filosofia da Educação/PUC, São Paulo, 1997.

_____. “História que os livros didáticos contam, depois que acabou a ditadura militar”. In: FREITAS, M. C. (Org.) *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998, p. 271 - 296.

_____. “Devem os livros didáticos de história ser condenados?”. In: ROCHA, Helenice A. B.; MAGALHÃES, Marcelo de S.; GONTIJO, Rebeca (orgs.). *A escrita da história escolar: memória e historiografia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009, p. 281-292.

NÓVOA, António. “A imprensa de Educação e Ensino: concepção e organização do Repertório Português”. In: CATANI, Denise Bárbara; BASTOS, Maria Helena Câmara (Orgs.). *Educação em Revista: a imprensa pedagógica e a História da Educação*. São Paulo: Escrituras, 2002. p. 11-31.

NUNES, Clarice; CARVALHO, Marta Maria Chagas de. “Historiografia da educação e fontes”. In: GONDRA, José Gonçalves (org.). *Pesquisa em história da educação no Brasil*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

PAIVA, Tamires Farias de. *Noções para persuadir e educar: os discursos médico-higiênicos na formação e ofício do professorado primário (1914-1928)*. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *A imprensa pedagógica como uma empresa educativa no século XIX*. Cad. Pesq. N. 104, p. 144-161, jul. 1998.

PÉCORRA, Alcir. “O campo das práticas da leitura, segundo Chartier” (Introdução à edição brasileira). In: CHARTIER, Roger (org.). *Práticas da Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade. 5ª ed. 2011. p. 9-17.

POLLACK, M. *Memória, esquecimento e silêncio*. Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 2. Nº 1, 1989, p. 3-15. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>>. Acesso em: 20 de março de 2017.

_____. *Memória e Identidade Social*. Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 5. Nº 10, 1992, p. 200-212. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>>. Acesso em: 20 de março de 2017.

PROST, Antoine. *Como a História faz o historiador?* Anos 90. n.14, dez, 2000. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/6792>>. Acesso em: 28 de março de 2017.

PRIORE, Mary del (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2011.
 ROCHA, Heloísa Helena Pimenta. *Regras de bem viver para todos: A “Biblioteca Popular de Hygiene” do Dr. Sebastião Barroso*. Campinas: Mercado de Letras, 2017.

RIZZINI, Irma; SCHUELER, Alessandra Frota Martinez de. *Entre o mundo da casa e o espaço público: um plebiscito sobre a educação da mulher* (Rio de Janeiro, 1906). *Revista de História e Historiografia da Educação*. Curitiba, Brasil, v. 2, n. 4, p. 122-146, janeiro/abril de 2018.

ROCHA, Helenice; MAGALHÃES, Marcelo; GONTIJO, Rebeca (orgs.). *A escrita da história escolar: memória e historiografia*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2009.

ROSA, Zita de Paula. *O Tico-Tico: meio século de ação recreativa e pedagógica*. Bragança Paulista: EDUSF, 2002. 271p. (Coleção Estudos CDAPH. Série Historiografia).

ROVERI, Fernanda Theodoro. *Criança, o botão da inocência: as roupas e a educação do corpo infantil nos “anos dourados”*. Tese de Doutorado em Educação. Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, 2014.

_____. *A literatura infantil nas revistas da década de 1950: notas sobre o discurso recreativo*. Anais Eletrônicos do IX Congresso Brasileiro de História da Educação – João Pessoa – Universidade Federal da Paraíba – 15 a 18 de agosto de 2017.

SANTOS, Liana Pereira Borba dos. *Mulheres e revistas: a dimensão educativa dos periódicos femininos *Jornal das Moças, Querida e Vida Doméstica* nos anos 1950*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

_____. *‘A CAMINHO DA ESCOLA?’ Educação e direitos das crianças pequenas na revista *Pais & Filhos**. Anais Eletrônicos do IX Seminário Internacional As redes educativas e as tecnologias, Rio de Janeiro, 2017.

_____. *Representações de leitor e de leitura na revista pais & filhos (1968-1989)*. Anais Eletrônicos do IX Congresso Brasileiro de História da Educação, João Pessoa, 2017.

_____. *Infância e família em revista: Pais & Filhos (1968-1989)*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018 435f.

SCHUELER, Alessandra Frota Martinez de. *Educar e instruir: a instrução popular na Corte Imperial –1870 a 1889*. Dissertação de Mestrado em História, Programa de Mestrado e Doutorado da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1997, 300fls impresso.

SCHUELER, Alessandra Frota Martinez de. *Escolas primárias e professores na corte imperial: educação escolar como objeto da história social*. *Revista Momento*. Fundação Universidade do Rio Grande do Sul, 2008.

SCHUELER, Alessandra Frota Martinez de; MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. *Educação escolar na primeira república: memória, história e perspectivas de pesquisa* Tempo, vol. 13, núm. 26, 2009, pp. 32-55 Universidade Federal Fluminense Niterói, Brasil.

SILVA, Alexandra Lima da. *Ensino e mercado editorial de livros didáticos de História do Brasil – Rio de Janeiro (1870-1924)*. Dissertação de mestrado em História Social. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2008.

SILVA, Márcia Cabral da. *A Coleção Menina e Moça: entre o bom comportamento moral e a formação do gosto literário*. In: *Currículo sem Fronteiras*, v.10, n.2, pp.91-105, Jul/Dez 2010.

_____. *Infância e Literatura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

_____. *Uma história da formação do leitor no Brasil*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

_____. “De como educar as meninas e moças pela leitura de romances e coleções (1930-1960)”. In: CÂMARA, Sonia (org.) *Pesquisa(s) em história da educação e infância: conexões entre ciência e história*. Rio de Janeiro: Quartet: Faperj, 2014.

SILVA, Márcia Cabral da & SOARES, Josiane de Souza. “Uma análise comparativa entre três edições do livro *Bisa Bia, Bisa Bel*, de Ana Maria Machado”. In: SOUZA, J. A.; SLAVEZ, M. H. C.; FREITAS, S. A. (orgs). *Linguagem, educação e cultura: abordagens, pesquisa e ensino*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016.

SILVA, Márcia Cabral da & BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. *Literatura, leitura e educação*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018.

SILVA, Márcia Cabral da & SOUZA, Mariana Elena Pinheiro dos Santos de. “*Vida Infantil e o Tico-Tico: Periódicos infantis híbridos (1947)*”. In: HERNÁNDEZ DÍAZ, José María. *Prensa pedagógica: mujeres, niños, sectores populares y otros fines educativos*. 1ª ed. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2018, p. 311-321.

SILVA, Nadilson M. da. *Elementos para a análise das Histórias em Quadrinhos*. XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação – Campo Grande /MS – setembro, 2001.

SIRINELLI, Jean-François. “Os intelectuais”. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 231-269.

SOUZA, Mariana Elena Pinheiro dos Santos de. *O feminino, a formação identitária e literária em As Três Marias, de Rachel de Queiroz (1939)*. Ed. Novas edições acadêmicas, 2016.

SOUZA JÚNIOR, Marcílio & GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *História das disciplinas escolares e história da educação: algumas reflexões*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 391-408, set./dez. 2005. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a05v31n3.pdf>

TASMERÃO, Aline; SOUZA, Mariana Elena Pinheiro dos Santos de. *Rachel de Queiroz: as redes de sociabilidade e a formação dos sujeitos*. Anais Eletrônicos do VI Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

TASMERÃO, Aline Silveira. *Abra o seu coração: a dimensão educativa do correio sentimental de Flan - o jornal da semana (1953)*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2017.

VELOSO, Ana Carolina Siqueira. *Perfis femininos em livros infantis de Monteiro Lobato (1920-1940)*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2013.

VERGUEIRO, Waldomiro & SANTOS, Roberto Elísio dos. *A postura educativa de O Tico-Tico: uma análise da primeira revista brasileira de histórias em quadrinhos*. Revista Comunicação & Educação, Ano XIII, Número 2, maio/ago 2008.

VICENT, Guy; LAHIRE, Bernard & THIN, Daniel. *Sobre a história e a teoria da forma escolar*. In: Educação em Revista, Belo Horizonte, nº 33, jun/2007, p. 7-47.

VIÑAO FRAGO, Antonio. *Historia de la educación y historia cultural: Posibilidades, problemas, cuestiones*. In: Revista Brasileira de Educação, nº 0, p. 63-82, 1995.

_____. *A história das disciplinas escolares*. In: Historia de la Educación: Revista interuniversitaria, n. 25, pp. 243-269, 2006.

_____. *La escuela y la escolaridad como objetos históricos: facetas y problemas de la historia de la educación*. In: História da Educação, ASPHE/FaE/UFPEL, Pelotas, v. 12, n. 25, p. 9-54, Maio/Ago 2008. Disponível em: <http://fae.ufpel.edu.br/asphe>.

YVES-MOLLIER, Jean. *A leitura e seu público no mundo contemporâneo – ensaios sobre história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.



APÊNCIDE - Fontes documentais

A NOITE. Rio de Janeiro, edição 12888, junho/1948.

A NOITE, Rio de Janeiro, edição 15785, dezembro/1957.

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, edição 17239, maio/1949.

VIDA INFANTIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano 1, n. 2, dez. 1947.

VIDA INFANTIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano 2, n. 3, jan. 1948.

VIDA INFANTIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano 2, n. 5, mar. 1948.

VIDA INFANTIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano 2, n. 6, abr. 1948.

VIDA INFANTIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano 2, n. 7, mai. 1948.

VIDA INFANTIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano 2, n. 8, jun. 1948.

VIDA INFANTIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano 2, n. 9, jul. 1948.

VIDA INFANTIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano 2, n. 10, ago. 1948.

VIDA INFANTIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano 2, n. 11, set. 1948.

VIDA INFANTIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano 2, n. 12, out. 1948.

VIDA INFANTIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano 2, n. 13, nov. 1948.

VIDA INFANTIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano 2, n. 14, dez. 1948.

VIDA INFANTIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano 3, n. 15, jan. 1949.

VIDA INFANTIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano 3, n. 16, fev. 1949.

VIDA INFANTIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano 3, n. 17, mar. 1949.

VIDA INFANTIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano 3, n. 18, abr. 1949.

VIDA INFANTIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano 3, n. 19, mai. 1949.

VIDA INFANTIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano 3, n. 20, jun. 1949.

VIDA INFANTIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano 3, n. 21, jul. 1949.

VIDA INFANTIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano 3, n. 22, ago. 1949.

VIDA INFANTIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano 3, n. 23, set. 1949.

VIDA INFANTIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano 3, n. 24, out. 1949.

VIDA INFANTIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano 3, n. 25, nov. 1949.

VIDA INFANTIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano 3, n. 26, dez. 1949.

VIDA INFANTIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano 4, n. 27, jan. 1950.

VIDA INFANTIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano 4, n. 28, fev. 1950.

VIDA INFANTIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano 4, n. 29, mar. 1950.

VIDA INFANTIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano 4, n. 30, abr. 1950.

VIDA INFANTIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano 4, n. 31, mai. 1950.

VIDA INFANTIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano 4, n. 32, jun. 1950.

VIDA INFANTIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano 4, n. 33, jul. 1950.

VIDA INFANTIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano 4, n. 34, ago. 1950.

VIDA INFANTIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano 4, n. 35, set. 1950.

VIDA INFANTIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano 4, n. 36, out. 1950.

VIDA INFANTIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano 4, n. 37, nov. 1950.

VIDA INFANTIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano 4, n. 38, dez. 1950.

